



**METODOLOGIA DA
PESQUISA**

Sobre a docente

Adélia Meireles de Deus

Possui graduação em **Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (2004)**, **Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2012)** e **Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2017)**. Atualmente é docente da Rede Municipal de Ensino de Teresina, docente do curso de Pedagogia na modalidade EAD da Faculdade Malta. É pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Educação, Formação Docente, Ensino e Práticas Educativas (NUPEFORDEPE/UFPI) e do Grupo de estudos formação de professores e práticas pedagógicas (UESPI). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação continuada, narrativa, formação de professores, prática pedagógica e alfabetização.

SUMÁRIO

UNIDADE I

1.CONHECIMENTO.....	6
1.1 Os tipos de conhecimento: popular, filosófico, religioso, científico.....	6
1.2 Conceito de ciência.....	8
Leitura recomendada.....	9
2.MÉTODOS INDUTIVO E DEDUTIVO.....	9
2.1 Método indutivo.....	9
2.2 Método dedutivo.....	10
Literatura recomendada.....	11
3.ENFOQUES QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS.....	11
3.1 Enfoque quantitativo: abordagem do problema.....	11
3.1.1 O problema quantitativo.....	13
3.1.2 Marco teórico.....	14
3.1.3 Alcance da pesquisa quantitativa.....	15
3.1.4 Hipóteses.....	16
3.1.5 Modelos da pesquisa.....	17
3.1.6 Seleção da amostra.....	18
3.1.7 Coleta de dados.....	19
3.1.8 Análise de dados.....	20
3.1.9 Relatórios dos resultados.....	21
3.2 Enfoque qualitativo.....	22
3.2.1 O processo qualitativo.....	22
3.2.2 Início do enfoque qualitativo.....	24
3.2.3 Amostra na pesquisa qualitativa.....	24
3.2.4 Desenhos da pesquisa qualitativa.....	25
3.2.5 Coleta e análises de dados na pesquisa qualitativa.....	26
3.2.6 Relatório de resultado do processo qualitativo.....	27
Literatura recomendada.....	27

UNIDADE II

4.PROJETO DE PESQUISA.....	28
4.1 Planejamento da pesquisa.....	28
4.2 Estrutura do projeto.....	37
4.3 Elementos de apoio na construção do texto.....	43
Leitura recomendada.....	44

UNIDADE III	
5- RELATÓRIOS DE PESQUISA CIENTÍFICA.....	45
5.1 Relatório de pesquisa: aspectos físicos.....	45
5.1.1 Elementos pré-textuais.....	48
5.1.1.1 Capa.....	48
5.1.1.2 Lombada.....	50
5.1.1.3 Folha de fosto.....	50
5.1.1.4 Verso da folha de rosto (ficha catalográfica)	52
5.1.1.5 Errata.....	52
5.1.1.6 Folha de aprovação.....	52
5.1.1.7 Dedicatória.....	54
5.1.1.8 Agradecimentos.....	54
5.1.1.9 Epígrafe.....	54
5.1.1.10 Resumo na língua vernácula.....	55
5.1.1.11 Resumo em língua estrangeira.....	55
5.1.1.12 Lista de ilustrações.....	55
5.1.1.13 Lista de tabelas.....	56
5.1.1.14 Lista de abreviaturas e siglas.....	56
5.1.1.15 Lista de símbolos.....	56
5.1.1.16 Sumário.....	56
5.1.2 Elementos textuais.....	57
5.1.2.1 Introdução.....	57
5.1.2.2 Desenvolvimento.....	58
5.1.2.3 Conclusão.....	59
5.1.3 Elementos pós-textuais.....	59
5.1.3.1 Referências.....	59
5.1.3.2 Glossário.....	62
5.1.3.3 Apêndice.....	62
5.1.3.4 Anexos.....	62
5.1.3.5 Índice.....	63
5.1.4 Regras gerais – ABNT NBR 14724:2011	63
5.1.5 Artigo Científico.....	70
Leitura recomendada.....	71
Referências.....	72

APRESENTAÇÃO

Prezados alun@s da Faculdade Malta,

Prezados estudantes,

Sejam bem-vindos à disciplina: Metodologia Científica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, que tem como perspectiva contribuir para a compreensão do processo de construção da ciência e da pesquisa, a fim de que vocês iniciem seu entendimento acerca do caráter científico de uma investigação.

A Metodologia Científica é, etimologicamente, um relato sobre o percurso que alguém deve trilhar ao fazer ciência. Nesses termos, a Metodologia Científica é uma disciplina que discorre sobre as principais regras para uma produção científica, viabilizando as técnicas, os instrumentos e os objetivos para um melhor desempenho e qualidade de um trabalho científico.

Dessa forma, situamos que esta disciplina tem como objetivo fornecer bases metodológicas para desenvolvimento dos trabalhos científicos que você irá realizar ao longo do curso, como as pesquisas em todas as disciplinas e o Trabalho final de Conclusão de Curso - TCC. A propósito, segundo Fachin (2017, p. 27, grifo do autor), todo trabalho científico precisa se fundamentar em procedimentos metodológicos, os “quais conduzem a um modo pelo qual se realiza uma operação denominada conhecer, agir e fazer. Essas operações são desempenhadas pelo ser humano a fim de desenvolver adequadamente um estudo”.

Por isso, propomos discussões que possibilitem a você compreender a ciência e o método científico, as técnicas e modalidades de registros de textos históricos, normatização dos trabalhos científicos, os problemas metodológicos do conhecimento e as formas de produção do conhecimento. Para tanto, organizamos a disciplina em três unidades temáticas, a saber:

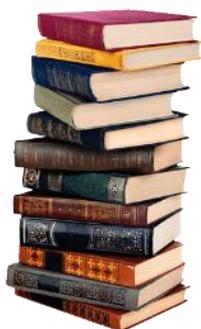
Unidade temática I – Fundamentos da Metodologia da Pesquisa: nesta unidade discutimos a necessidade de o aluno ter autonomia de sua aprendizagem, abordamos orientações para o estudo e discutimos sobre a ciência e o conhecimento.

Unidade temática II – Escrita da Pesquisa Científica: nesta unidade tratamos sobre os métodos e fontes de pesquisas aplicadas à educação.

Unidade temática III - Projeto de Pesquisa que aborda todos os passos necessários para organização de pesquisa.

Realçamos que a disciplina trata de pensar a pesquisa científica como um momento de expandir olhares, criar e transformar saberes, propiciar momentos de reflexividade e formação.

Desejamos a todas e a todos um ótimo estudo.



Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino.

Leonardo da Vinci

UNIDADE I

1. CONHECIMENTO

Conhecimento é o atributo de quem conhece, ou seja, é aquilo que resulta do ato de entender e explicar a realidade, buscando formular leis que, em última instância, permitam a atuação humana. Santos e Parra Filho (2012, p.8) dizem que para *Kant*, o conhecimento é perfeito: “[...] segundo a quantidade quando é universal, segundo a qualidade quando é distinto, segundo a relação quando é verdadeiro e segundo a modalidade quando é certo”. A propósito, os autores dizem que “[...] os conhecimentos estão sendo alterados cada vez mais rápido e intensamente, exigindo dos pesquisadores mudança de pontos de vista que pareciam imutáveis sob a ótica de determinadas ciências.” (SANTOS; PARRA FILHO. 2012, p.8). Nesse sentido, o conhecimento é um movimento que requer mudança e revisão, em outras palavras, é um movimento de constante devir.

Nesta unidade, delineamos aspectos da Metodologia Científica, descrevendo elementos relevantes acerca dos tipos de conhecimento, método indutivo e dedutivo, enfoques quantitativos e qualitativos.

1.1 Tipos de conhecimento: popular, filosófico, religioso, científico

Os conhecimentos não se distinguem nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido, mas o que diferencia é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do "conhecer." (LAKATOS; MARCONI, 2017). Tomando como referências os tipos de conhecimentos discutidos por Lakatos e Marconi (2017, p. 78-80, grifo das autoras), elencamos as principais características dos conhecimentos, a saber: popular, filosófico, religioso, científico.

Quadro 1- Tipos de conhecimentos

Conhecimentos	Características
<i>Conhecimento popular</i>	É valorativo por excelência, pois se fundamenta numa seleção operada com base em estados de ânimo e emoções. É também reflexivo , mas, estando limitado pela familiaridade com o objeto, não pode ser reduzido a uma formulação geral. A característica de assistemático baseia-se na "organização" particular das experiências próprias do sujeito cognoscente, e não em uma sistematização das ideias, na procura de uma formulação geral que explique os fenômenos observados, aspecto que dificulta a transmissão, de pessoa a pessoa, desse modo de conhecer. É verificável , visto que está limitado ao âmbito da vida diária e diz respeito àquilo que se pode perceber no dia a dia. Finalmente é falível e inexato , pois se conforma com a aparência e com o que se ouviu dizer a respeito do objeto.
<i>Conhecimento filosófico</i>	É valorativo , pois seu ponto de partida consiste em hipóteses, que não poderão ser submetidas à observação, por este motivo, o conhecimento filosófico é não verificável . É racional , em virtude de consistir num conjunto de enunciados logicamente correlacionados. Tem a característica de sistemático , pois suas hipóteses e enunciados visam a uma representação coerente da realidade estudada, numa tentativa de apreendê-la em sua totalidade. É infalível e exato , já que, quer na busca da realidade capaz de abranger todas as outras, quer na definição do instrumento capaz de apreender a realidade, seus postulados, assim como suas hipóteses, não são submetidos ao decisivo teste da observação (experimentação).
<i>Conhecimento religioso</i>	Isto é, teológico , apoia-se em doutrinas que contêm proposições sagradas (valorativas), por terem sido reveladas pelo sobrenatural (inspiracional) e, por esse motivo, tais verdades são consideradas infalíveis e indiscutíveis (exatas) ; é um conhecimento sistemático do mundo (origem, significado, finalidade e destino) como obra de um criador divino; suas evidências não são verificadas: está sempre implícita uma atitude de fé perante um conhecimento revelado.
<i>Conhecimento científico</i>	É real (factual) porque lida com ocorrências ou fatos. Constitui um conhecimento contingente , pois suas proposições ou hipóteses têm sua veracidade ou falsidade conhecida através da experiência e não apenas pela razão, como ocorre no conhecimento filosófico. É sistemático , já que se trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de ideias (teoria) e não conhecimentos dispersos e desconexos. Possui a característica da verificabilidade , a tal ponto que as afirmações (hipóteses) que não podem ser comprovadas não pertencem ao âmbito da ciência. Constitui-se em conhecimento falível , em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final e, por este motivo, é aproximadamente exato : novas proposições e o desenvolvimento de técnicas podem reformular o acervo de teoria existente.

Fonte: Lakatos e Marconi (2017, p. 78-80, grifo das autoras).

Ainda, tratando sobre os tipos de conhecimentos, Lakatos e Marconi (2017) dizem que a despeito da divisão "metodológica" dos tipos de conhecimentos popular, filosófico, religioso e científico, no percurso de assimilação da realidade do objeto, o sujeito cognoscente pode

adentrar nas diversas áreas. Sendo assim, ao estudar o homem, por exemplo, é possível extrair várias ideias sobre sua vivência na sociedade, respaldado no senso comum ou na experiência cotidiana; pode-se analisá-lo como um ser biológico, averiguando, mediante investigação experimental, as relações reais entre determinados órgãos e suas funções; bem como, pode-se indagá-lo com relação à sua origem e destino, assim como, também, sobre a sua liberdade; por fim, pode-se observá-lo como ser criado pela divindade, à sua imagem e semelhança, e meditar sobre o que dele dizem os textos sagrados.

1.2 Conceito de ciência

Nas discussões acerca do conceito de ciências, têm aparecido várias definições. No entendimento de Lakatos e Marconi (2017, p 34), os conceitos mais habituais de ciências são incompletos. Realçamos que, em referência a esses conceitos de ciências, as autoras pontuam alguns exemplos, dentre eles, destacamos: acumulação de conhecimentos sistemáticos; conhecimento do real pelas suas causas; estudo de problemas solúveis, mediante método científico; atividade que se propõe demonstrar a verdade dos fatos experimentais e suas aplicações práticas; forma sistematicamente organizada de pensamento objetivo. (LAKATOS; MARCONI, 2017).

No entanto, Lakatos e Marconi (2017) sinalizam que o conceito mais abrangente de ciências é o que Ander-Egg advoga em sua obra *Introducción a las técnicas de investigación social* (1978). Para Ander-Egg, ciência “[...] é um conjunto de conhecimentos racionais, certos ou prováveis, obtidos metodicamente, sistematizados e verificáveis, que fazem referência a objetos de uma mesma natureza.” (1978, p. 15). As autoras afirmam que essas expressões significam, a saber: conhecimento racional, certo ou provável, obtidos metodicamente, sistematizadores, verificáveis, relativos a objetos de uma mesma natureza. (LAKATO; MARCONI, 2017, p 12).

Lakatos e Marconi (2017, p. 20) acrescentam que a palavra *ciência* comporta duas acepções, a saber: “*lato sensu* tem simplesmente o significado de conhecimento; *stricto sensu* não se refere a um conhecimento qualquer, mas àquele que, além de apreender ou registrar fatos, demonstra-os por suas causas constitutivas ou determinantes.” As autoras, ainda, ressaltam que a ciência estabelece um grupo de proposições e enunciados que se alinham hierarquicamente num movimento “[...] ascendente ou descendente, que vão gradativamente de fatos particulares para os gerais, e vice-versa (conexão ascendente = indução, conexão

descendente = dedução), comprovados (com a certeza de serem fundamentados) pela pesquisa empírica (submetidos à verificação).” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 20).

Leitura recomendada:

- SANTOS, J. A. dos.; PARRA FILHO, D. Os princípios filosóficos do conhecimento. *In*: SANTOS, J. A. dos.; PARRA FILHO, D. **Metodologia científica**. 2.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 1-18.
- RICHARDSON, R. J. Conhecimento e método científico. *In*: RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 10-21.

2. MÉTODOS INDUTIVO E DEDUTIVO

Método pode ser compreendido como a trajetória a ser seguida para chegar a um determinado destino. Nessa assertiva, Santos e Parra Filho (2012, p.38) afirmam que o método é o percurso a ser seguido “[...] tendo em vista o objetivo a ser atingido, que é a verdade. O método é este conjunto de processos, que etimologicamente tem o significado de caminho para se chegar a um fim.” Igualmente, o método é o agrupamento das ações sistemáticas e racionais que possibilita maior segurança e economia para “[...] alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 83).

2.1 Método indutivo

A indução é componente de um processo mental que, mediante dados particulares e suficientemente constatados, “[...] infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. [...] o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 40). As autoras, ainda, alertam que:

Uma característica que não pode deixar de ser assinalada é que o argumento indutivo, da mesma forma que o dedutivo, fundamenta-se em premissas. Mas, se nos dedutivos, premissas verdadeiras levam inevitavelmente à conclusão verdadeira, nos indutivos, conduzem apenas a conclusões prováveis ou, no dizer de Cervo e Bervian (1978:25), "pode-se afirmar que as premissas de um argumento indutivo correto sustentam ou atribuem certa verossimilhança à sua conclusão. Assim, quando as premissas são verdadeiras, o melhor que se pode dizer é que a sua conclusão é, provavelmente, verdadeira."(LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 40).

Segundo as autoras, precisamos atentar para três elementos fundamentais para toda indução, a saber:

observação dos fenômenos - nessa etapa observamos os fatos ou fenômenos e os analisamos, com a finalidade de descobrir as causas de sua manifestação; *descoberta da relação entre eles* - na segunda etapa, procuramos, por intermédio da comparação, aproximar os fatos ou fenômenos, com a finalidade de descobrir a relação constante existente entre eles; *generalização da relação* - nessa última etapa, generalizamos a relação encontrada na precedente, entre os fenômenos e fatos semelhantes, muitos dos quais ainda não observamos (e muitos inclusive inobserváveis). (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 41, grifo das autoras).

Ainda tratando sobre os elementos fundamentais para a indução, as autoras dizem que, no primeiro passo, acontece a *observação atenta* a certos fatos ou fenômenos. O passo seguinte é a *classificação*, ou seja, junção dos fatos ou fenômenos da mesma espécie, bem como a relação constante evidenciada entre eles. Por fim, alcança uma classificação, fruto da generalização da relação observada. (LAKATOS; MARCONI, 2017).

2.2 Método dedutivo

O método dedutivo parte de uma generalização para uma questão particularizada. Salmon (1978 apud LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 54) diz que os argumentos indutivo e dedutivo apresentam duas características básicas que os distinguem, a saber:

Quadro 2- Características básicas dos métodos dedutivo e indutivo

<i>DEDUTIVO</i>	<i>INDUTIVO</i>
I. Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão deve ser verdadeira.	I. Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão é provavelmente verdadeira, mas não necessariamente verdadeira.
II. Toda a informação ou o conteúdo fatural da conclusão já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas.	II. A conclusão encerra informação que não estava, nem implicitamente, nas premissas.

Fonte: Lakatos, Marconi (2007).

As autoras reforçam que os argumentos têm finalidades diferentes, ou seja, o dedutivo tem a intenção de explicar o conteúdo das premissas, já o indutivo tem a finalidade de ampliar o alcance dos conhecimentos. Lakatos e Marconi (2017, p. 54) dizem que:

[...] os argumentos dedutivos ou estão corretos ou incorretos, ou as premissas sustentam de modo completo a conclusão ou, quando a forma é logicamente incorreta, não a sustentam de forma alguma; portanto, não há graduações intermediárias. Contrariamente, os argumentos indutivos admitem diferentes graus de força, dependendo da capacidade das premissas de sustentarem a conclusão.

Comporta, portanto, no entorno dessa complexidade, dizer que “[...] os argumentos indutivos aumentam o conteúdo das premissas, com sacrifício da precisão, ao passo que os argumentos dedutivos sacrificam a ampliação do conteúdo para atingir a ‘certeza’.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 54).

Leitura recomendada:

- SANTOS, J. A. dos.; PARRA FILHO, D. Método geral ou lógica aplicada. In: SANTOS, J. A. dos.; PARRA FILHO, D. **Metodologia científica**. 2.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 35- 80.
- RICHARDSON, R. J. Epistemologia do trabalho científico. In: RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p.23-51.

3. ENFOQUES QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Pesquisar significa produzir novos conhecimentos, como também buscar ou procurar resposta para uma pergunta. Em se tratando de pesquisa científica, refere-se à busca de reflexões a respeito de um problema que alguém queira compreender. A pesquisa é “[...] um conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos aplicados no estudo de um fenômeno.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p.26).

Os autores dizem que, no percurso da História da Ciência, apareceram várias correntes de pensamentos – como o empirismo, o materialismo dialético, o positivismo, a fenomenologia, o estruturalismo – e inúmeros marcos interpretativos, como a etnografia e o construtivismo, que deram origem a variados caminhos na procura do conhecimento. No entanto, por causa das diferentes premissas que sustentam as diversas correntes de pensamento, desde o século passado, essas correntes se “polarizaram” em duas abordagens principais, a saber: o enfoque qualitativo e o quantitativo da pesquisa. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010).

3. 1 Enfoque quantitativo: abordagem do problema

O enfoque quantitativo utiliza o instrumento de coleta e análise de dados para responder às questões de pesquisa e testar as hipóteses estabelecidas previamente. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 30), esse enfoque de pesquisa usa a “[...] coleta de dados para testar

hipóteses, baseando-se na medição numérica e na análise estatística para estabelecer padrões e comprovar teorias.” Na verdade, o que se pretende em uma pesquisa quantitativa é:

[...] generalizar os resultados encontrados em um grupo ou segmento (amostra) para uma coletividade maior (universo ou população). É também que os estudos realizados possam ser replicados. [...] explicar e prever os fenômenos pesquisados, buscando regularidades e relações causais entre elementos. Isso significa que a meta principal é a construção e demonstração de teorias (que explicam e preveem). [...] se o processo for rigorosamente seguido e algumas regras lógicas forem seguidas, os dados gerados terão os padrões de validade e confiabilidade e suas conclusões irão contribuir para gerar conhecimento. [...] (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 3).

Para visualizar as características do enfoque quantitativo, apresentamos a figura 1, conforme segue:

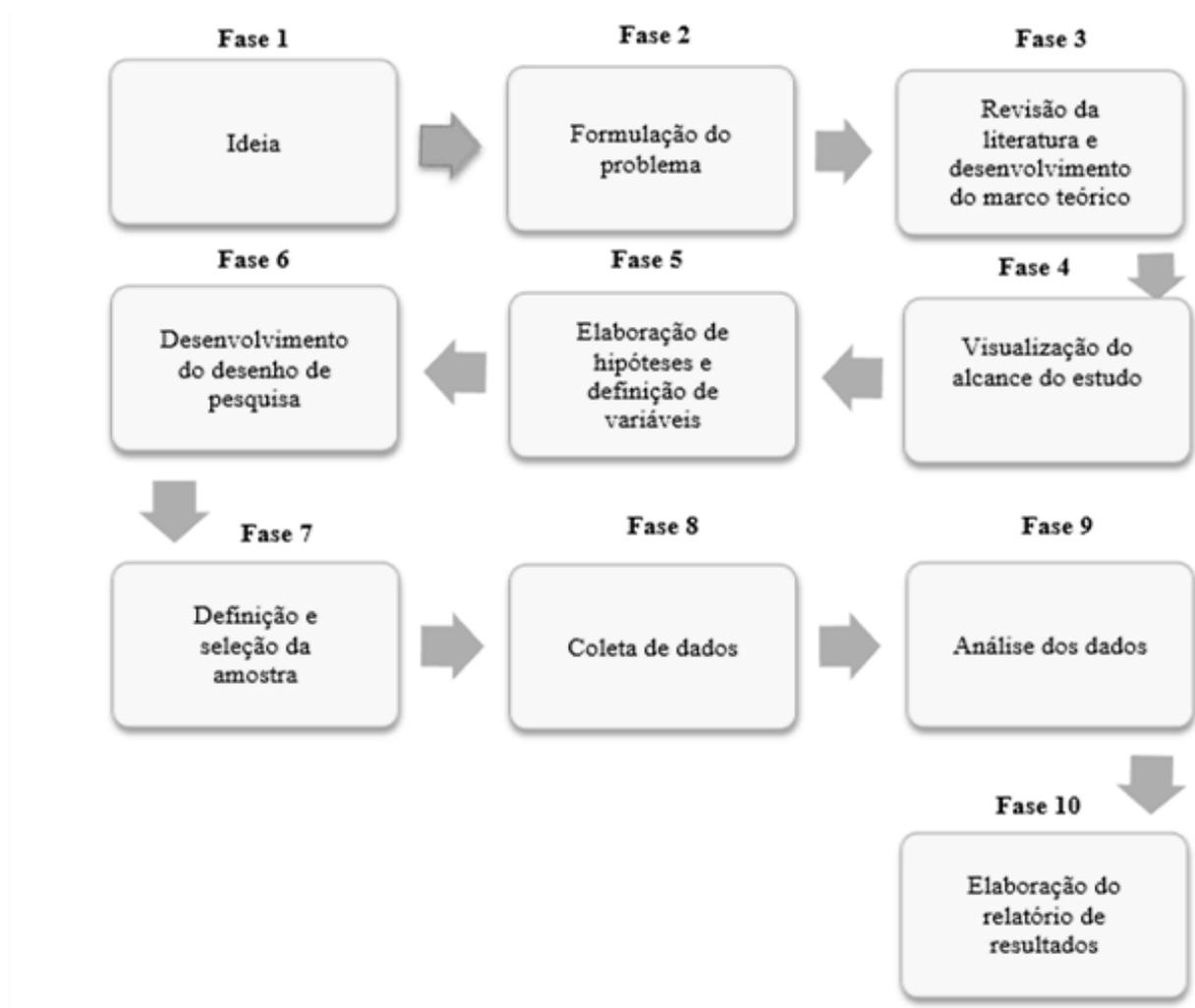


Figura 1: Processo quantitativo

Realçamos que Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 31) esclarecem que, no enfoque qualitativo, se o processo for rigorosamente praticado e “[...] algumas regras lógicas forem seguidas, os dados gerados terão os padrões de validade e confiabilidade e suas conclusões irão contribuir para gerar conhecimento.”

3.1.1 O problema quantitativo

No enfoque qualitativo de pesquisa, o “[...] pesquisador formula um problema de estudo delimitado e concreto. Suas perguntas de pesquisa versam sobre questões específicas.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 30). Ainda segundo os autores os principais elementos da formulação do problema quantitativo são, a saber: **os critérios de seleção**: relação entre variáveis, seja medível ou observável; **os elementos**: objetivos, pergunta da pesquisa, justificativa, viabilidade do estudo, deficiência no conhecimento sobre o estudo; **deve-se**: delimitar o problema e formular como pergunta; e **implica** afinar ideias. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 30).

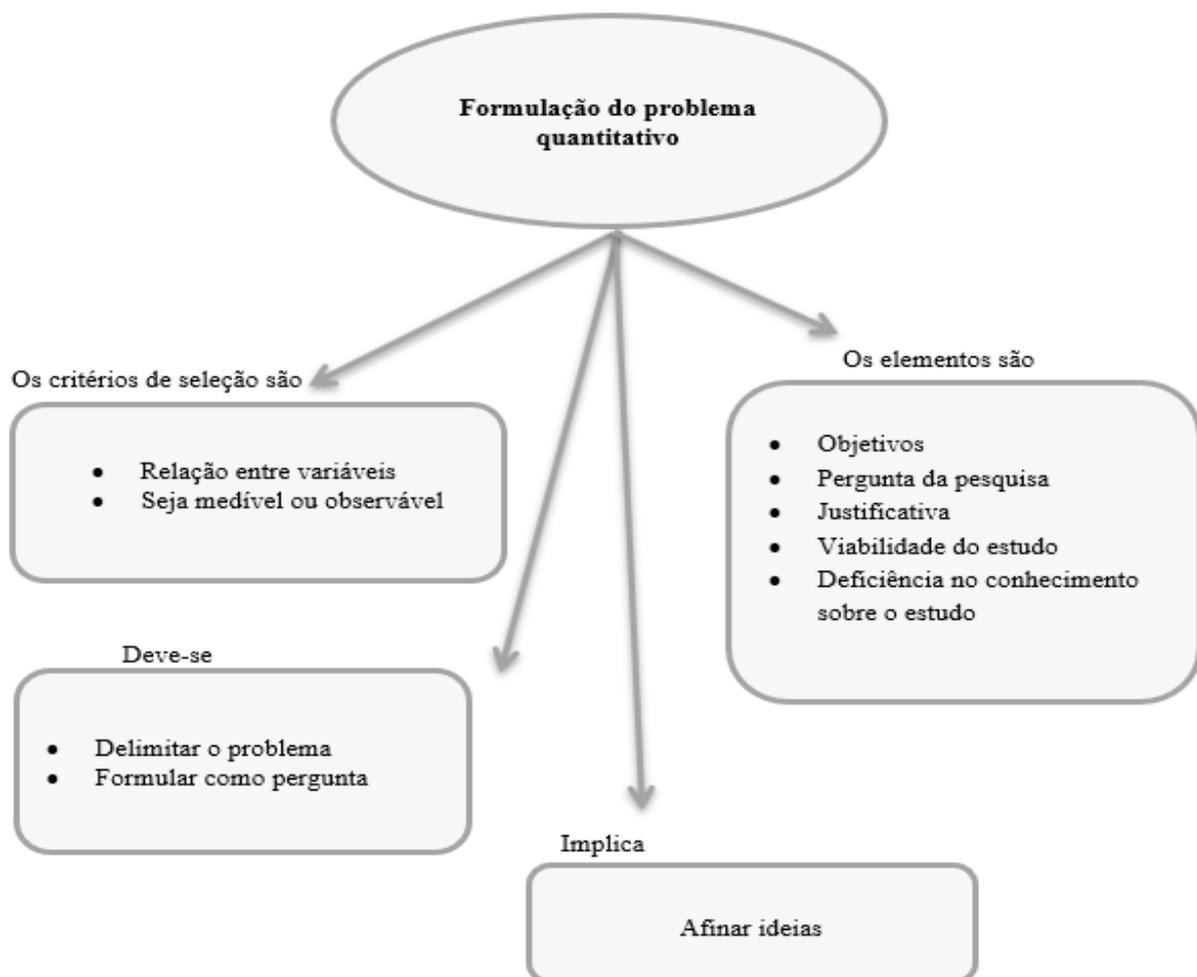


Figura 2: O problema quantitativo

3.1.2 Marco teórico

Na condução da investigação, é preciso que o pesquisador atente para o que já foi pesquisado (a revisão da literatura) e construa “[...] um marco teórico (a teoria que deverá guiar seu estudo), do qual deriva uma ou derivam várias hipóteses (questões que irá verificar se são corretas ou não) e as submete a teste mediante o emprego dos desenhos de pesquisa apropriados.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 30). Para visualização do processo de construção do marco teórico, elaboramos a figura 3, conforme segue.

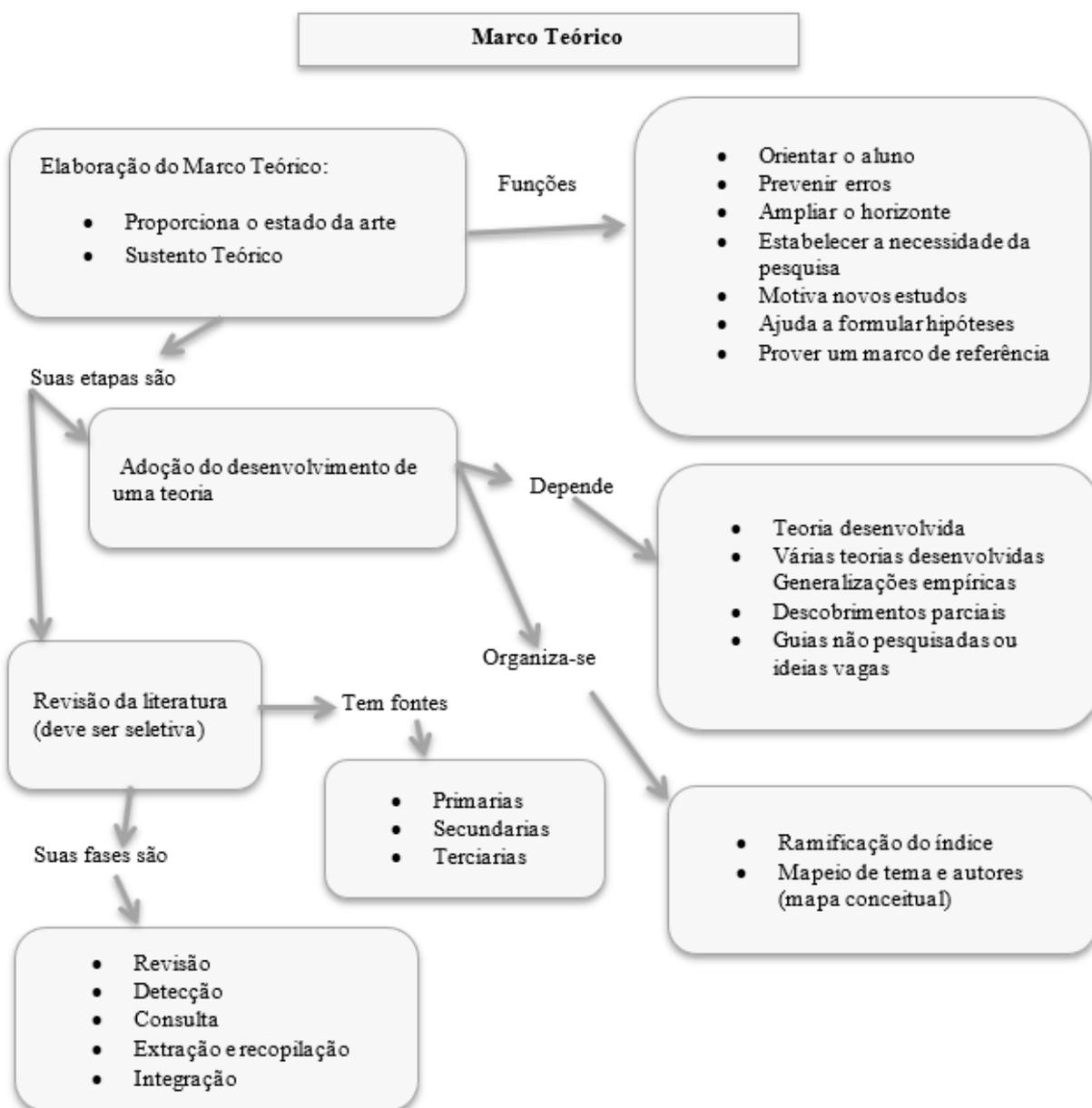


Figura 3: Marco teórico

Assim, dando seguimento ao estudo do processo qualitativo, passamos a discorrer acerca da fase do alcance da pesquisa quantitativa.

3.1.3 Alcance da pesquisa quantitativa

A pesquisa quantitativa pode ser utilizada para diversas finalidades. Em outras palavras, serve para medir o potencial de um mercado, medir atitudes e comportamentos, bem como verificar quantas pessoas de uma determinada amostra apresentam uma mesma característica. Para explicitar a visualização do alcance da pesquisa qualitativa, elaboramos a figura 4, elencando, em forma de síntese, os principais elementos acerca do alcance da pesquisa qualitativa.

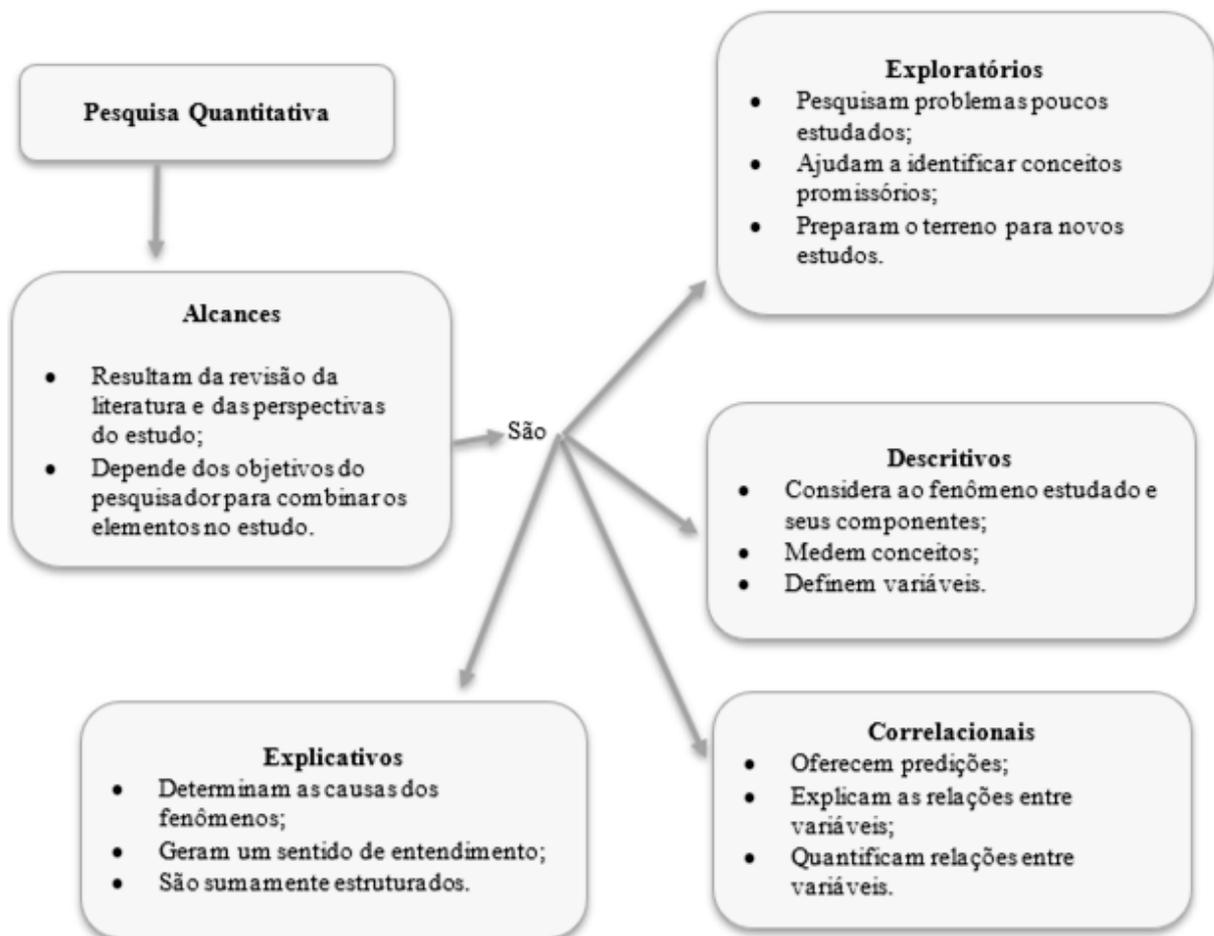


Figura 4: Alcance da pesquisa quantitativa

Para ampliar a visualização dos alcances da pesquisa quantitativa, apresentamos os principais elementos dos propósitos e importância desses alcances, conforme Sampieri, Collado e Lucio (2010), a saber: exploratório, descritivo, correlacional e explicativo. Salientamos que para ter mais informações sobre os alcances da pesquisa quantitativa, consultar Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 100-101).

3.1.4 Hipóteses

A Hipótese é uma suposição que será verificada para ser ou não demonstrada. Nessa assertiva, Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 30) dizem que “[...] ao confirmar as hipóteses, a teoria que dá suporte a elas passa a ter crédito. Se esse não for o caso, então é necessário descartar as hipóteses e, eventualmente, a teoria.” Para visualizar a análise a respeito das hipóteses, apresentamos a seguir a figura 5, que sintetiza essa compreensão.



Figura 5: Hipóteses

Assim, complementando a discussão, apresentamos os modelos da pesquisa ou procedimentos do processo quantitativo.

3. 1.5 Modelos da Pesquisa

No enfoque quantitativo da pesquisa, devemos utilizar “[...] procedimentos padronizados ou aceitos por uma comunidade científica.” (SAMPLERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 31). A figura 6 explicita os modelos da pesquisa ou procedimentos do processo quantitativo.

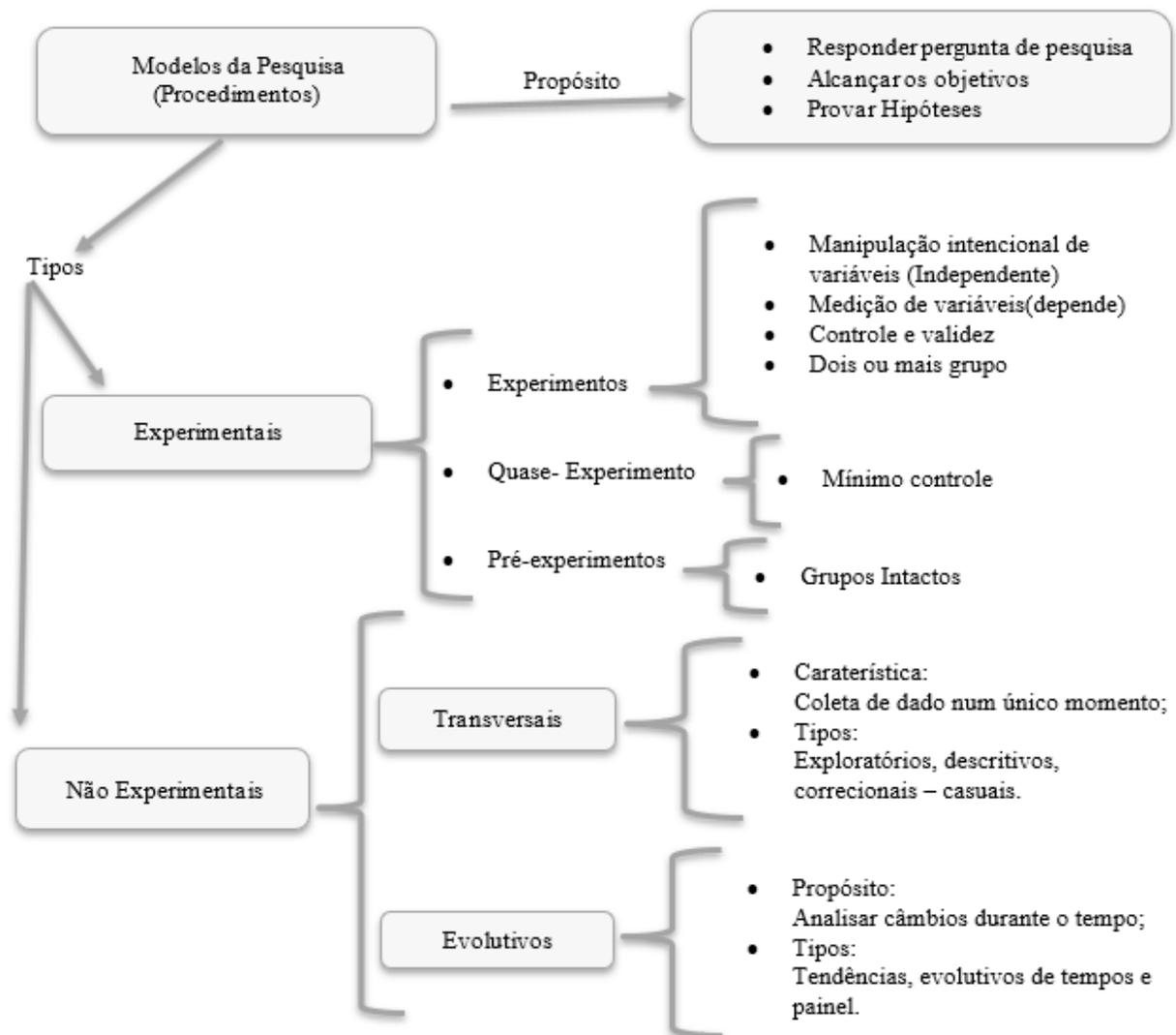


Figura 6: Modelos da Pesquisa

Por este viés, dando continuidade ao pensamento do processo quantitativo, passamos a analisar a seleção da amostra.

3.1.6 Seleção da Amostra

No processo quantitativo, o que se busca é “[...] generalizar os resultados encontrados em um grupo ou segmento (amostra) para uma coletividade maior (universo ou população).” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 31). Para sintetizar a análise a respeito da seleção da amostra, apresentamos a figura 7.

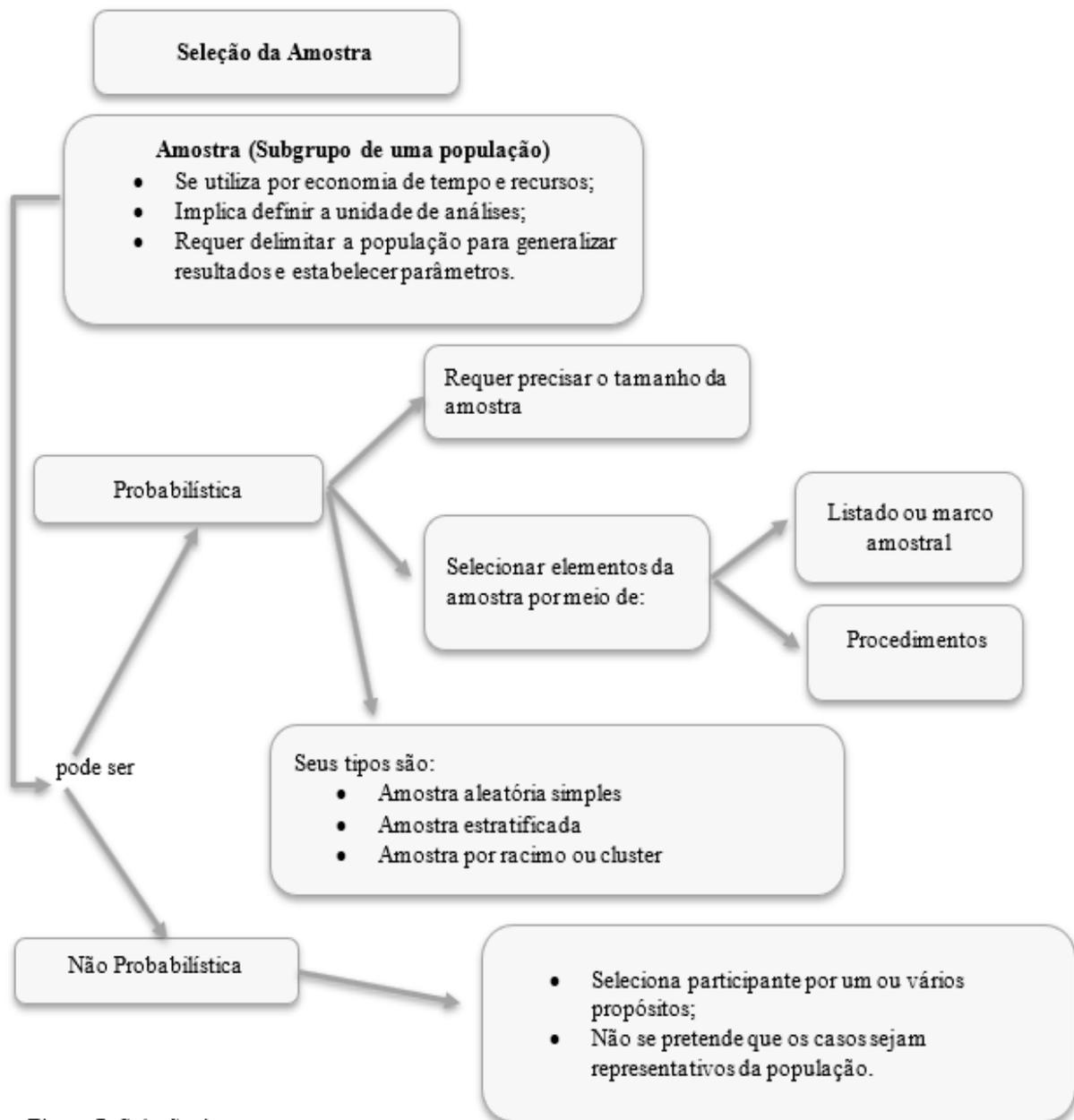


Figura 7: Seleção da amostra

3.1.7 Coleta de dados

Na abordagem quantitativa, a coleta de dados se respalda na medição das variáveis ou os conceitos inclusos nas hipóteses. Realçamos que essa coleta é “[...] realizada quando utilizamos procedimentos padronizados ou aceitos por uma comunidade científica. Para que uma pesquisa seja crível e aceita por outros pesquisadores, temos de demonstrar que esses procedimentos foram seguidos.” (SAMPLERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 31). Na figura 8, apresentamos os passos na coleta de dados no enfoque quantitativo.

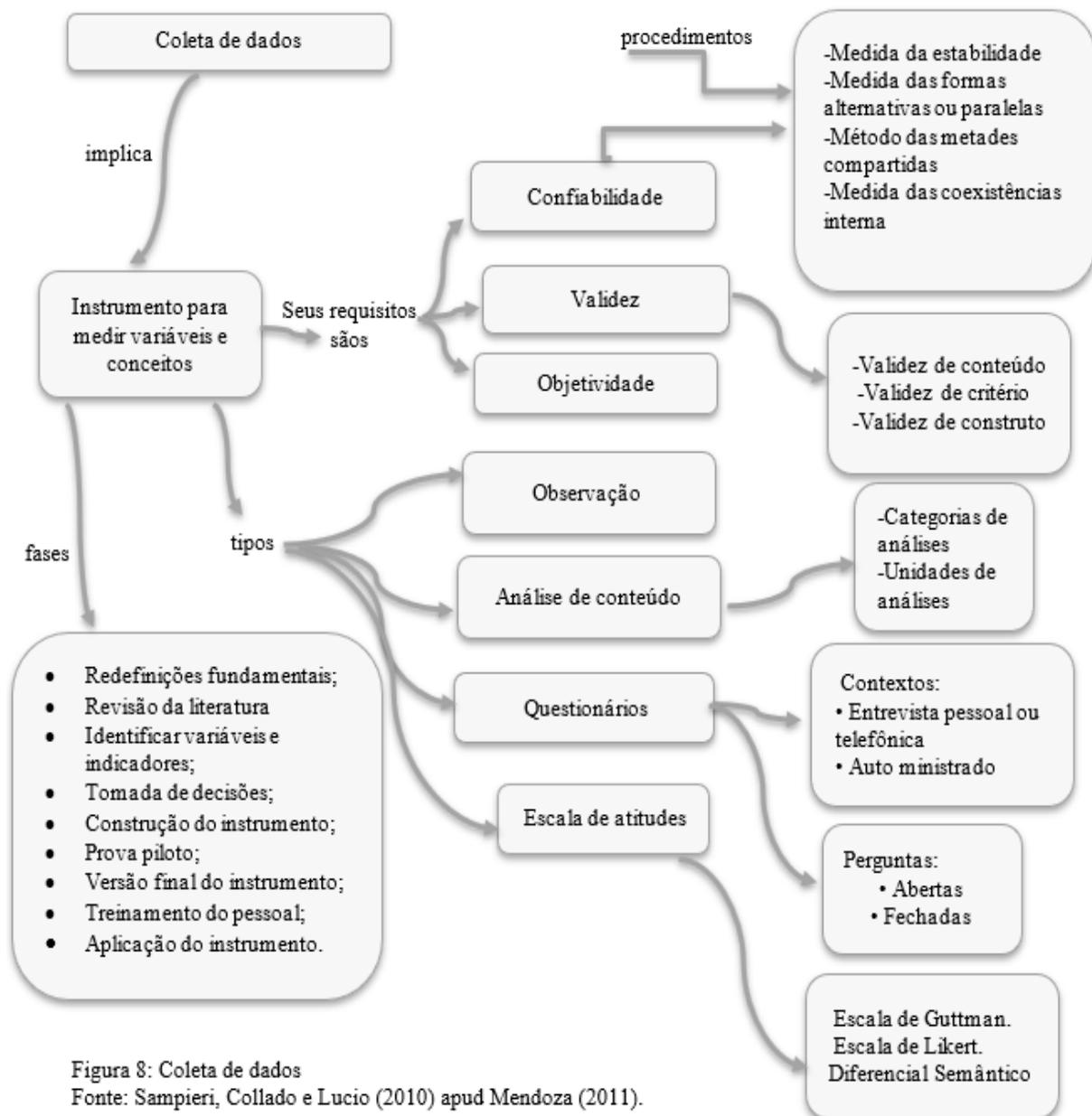


Figura 8: Coleta de dados
Fonte: Sampieri, Collado e Lucio (2010) apud Mendoza (2011).

Assim, complementando a discussão, apresentamos, a seguir, acerca da análise de dados do processo quantitativo.

3.1.8 Análise de dados

No enfoque quantitativo “[...] como os dados são produto de medições, eles são representados por números (quantidades) e devem ser analisados com métodos estatísticos.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 31). Assim, tendo em vista esse conjunto de considerações, apresentamos a figura 9, que sintetiza aspecto da análise de dados da abordagem quantitativa.

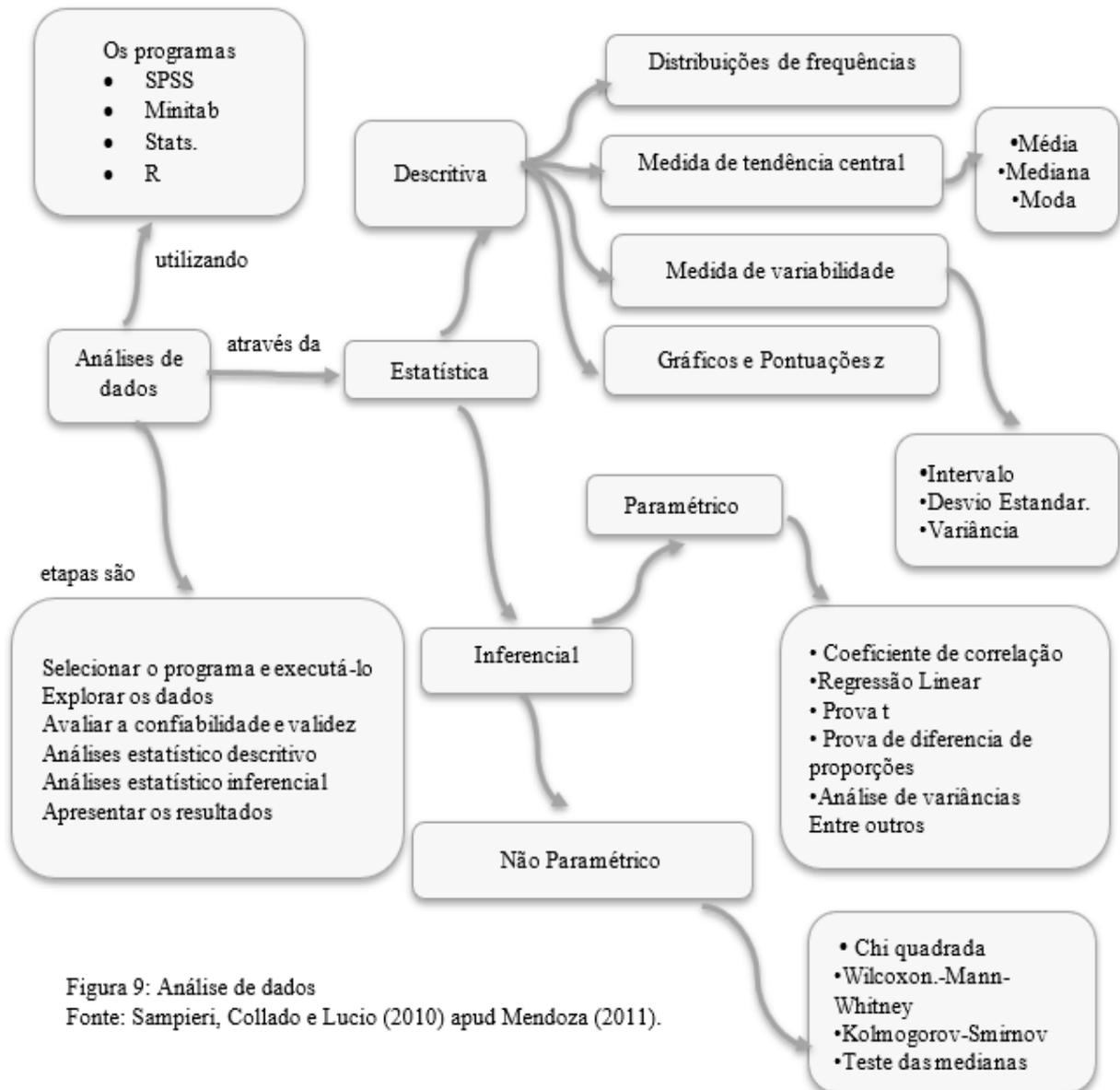


Figura 9: Análise de dados
Fonte: Sampieri, Collado e Lucio (2010) apud Mendoza (2011).

Por conseguinte, dando seguimento ao estudo sobre o processo quantitativo, passamos agora a tratar sobre relatórios dos resultados no estudo de enfoque quantitativo.

3.1.9 Relatórios dos Resultados

Na abordagem quantitativa, o que se tenta fazer “[...] é explicar e prever os fenômenos pesquisados, buscando regularidades e relações causais entre elementos.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 31). Para explicitar a visualização dos relatórios dos resultados, elaboramos a figura 10, elencando elementos desses relatórios.

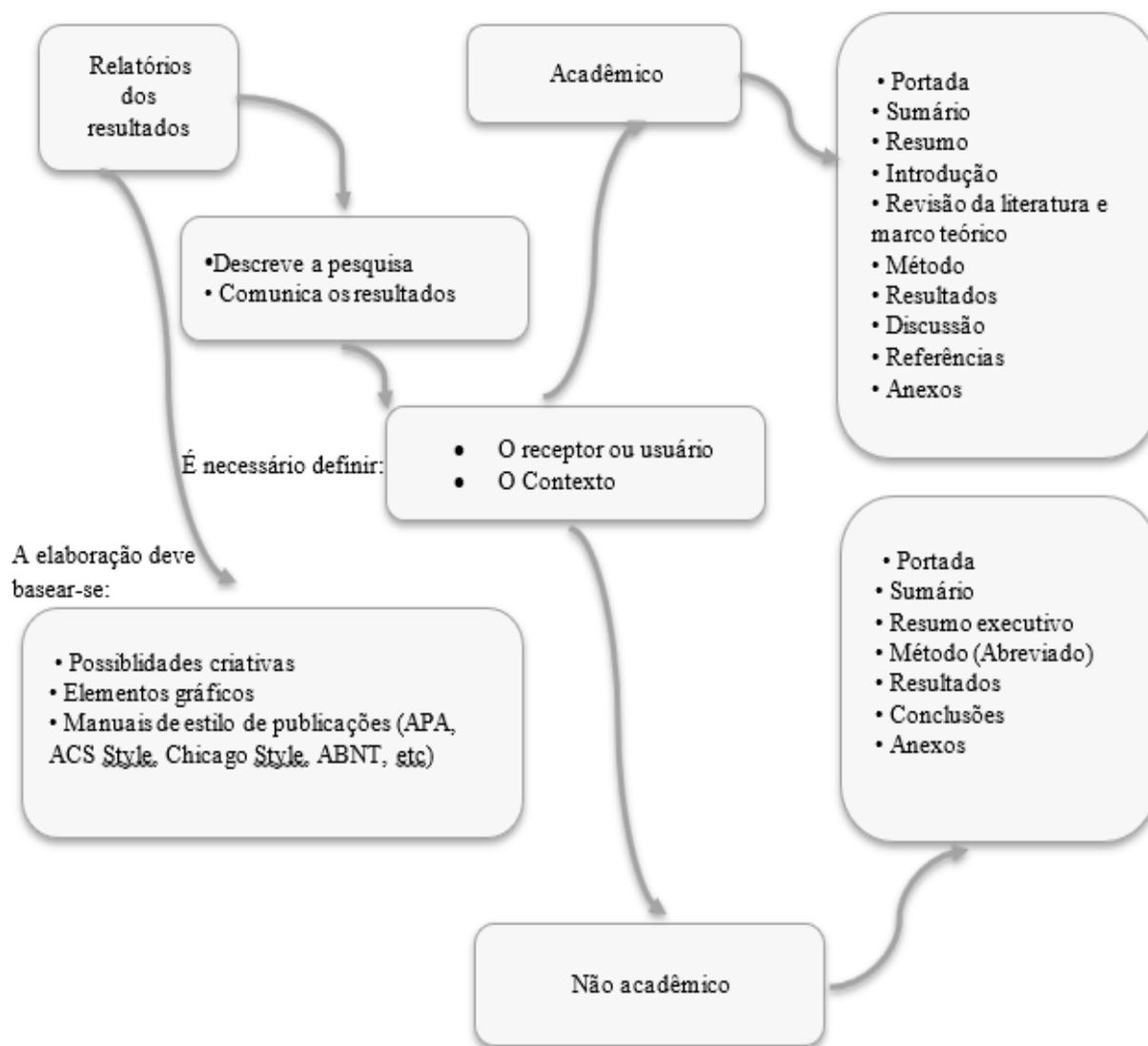


Figura 10: Relatórios dos resultados

Na condução da discussão, entendemos ser profícuo nesse momento nos determos à análise da abordagem qualitativa da pesquisa.

3.2 Enfoque qualitativo

A abordagem qualitativa se ancora em um movimento que “seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana.” (STAKE, 2011, p. 21). Realçamos que, em referência a essa abordagem, o “[...] próprio pesquisador é um instrumento ao observar ações, contextos, e com frequência, ao desempenhar intencionalmente uma função subjetiva no estudo, utilizando sua experiência pessoal em fazer interpretações[...]”, diz Stake (2011, p. 21). Ainda, na visão desse autor, todo pensamento científico “[...] é uma mescla dos pensamentos quantitativo e qualitativo. A pesquisa sobre o funcionamento das coisas no quadro mais geral do conhecimento é uma tarefa quantitativa e qualitativa.” (STAKE, 2011, p. 23).

3.2.1 O processo qualitativo

O enfoque qualitativo usa a coleta de dados “sem medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação”. Na verdade, a pesquisa de natureza qualitativa se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais que permeiam a rede de relações sociais. A propósito:

[...] ao contrário da maioria dos estudos quantitativos, em que a clareza sobre as perguntas de pesquisa e as hipóteses devem vir antes da coleta e da análise dos dados, nos estudos qualitativos é possível desenvolver perguntas e hipóteses antes, durante e depois da coleta e da análise dos dados. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 33).

No âmbito da abordagem qualitativa “[...]geralmente, essas atividades servem para primeiro descobrir quais são as perguntas de pesquisa mais importantes, e depois para aprimorá-las e respondê-las[...]”, afirmam Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 33). Nesse sentido, o enfoque qualitativo requer um estudo amplo do objeto de pesquisa, levando em conta o contexto em que ele está inserido e as características da sociedade a que pertence. Com base nesse entendimento, buscamos, através da figura 11, oportunizar uma visualização do processo qualitativo da pesquisa, conforme segue.

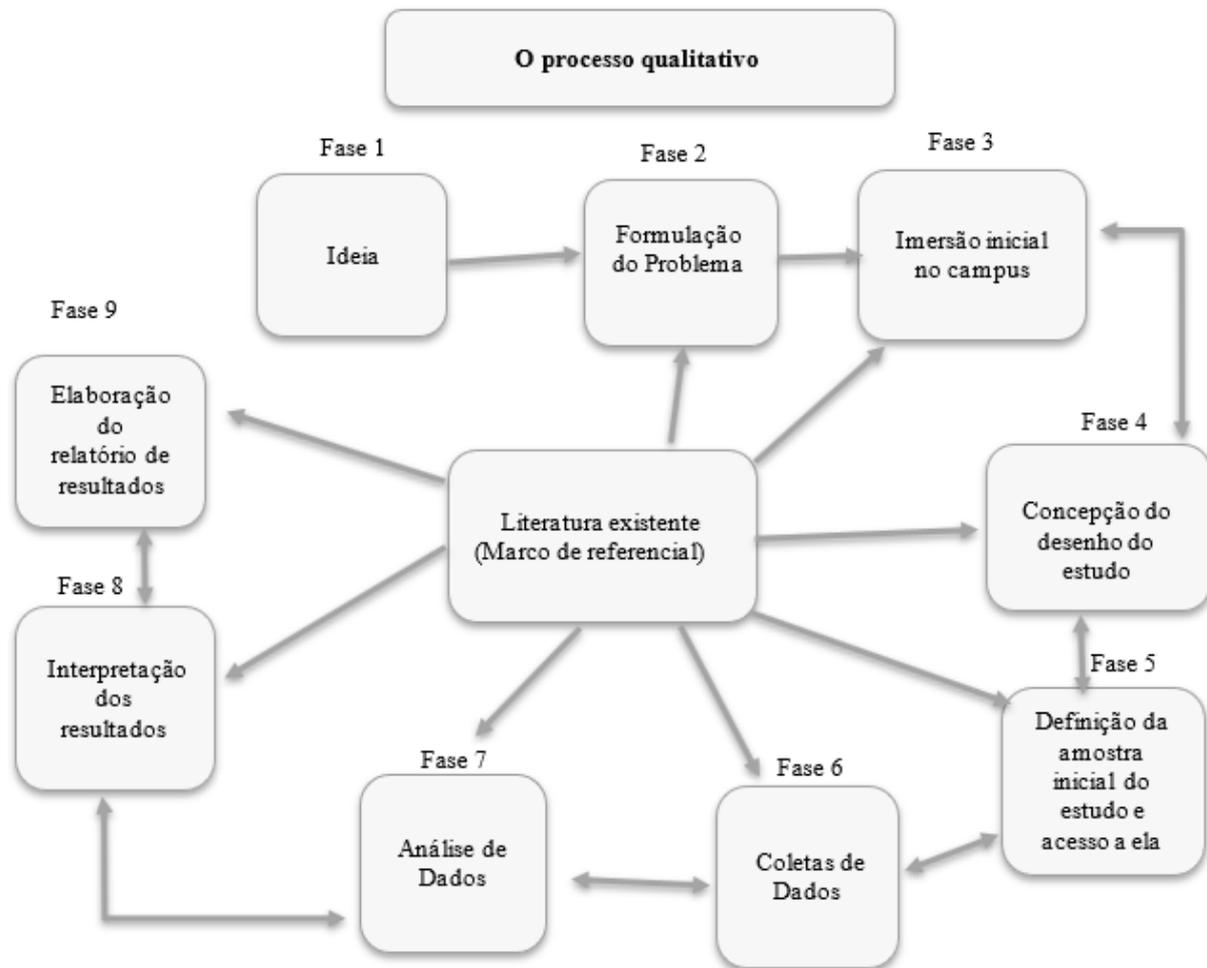


Figura 11: Processo qualitativo

Ressaltamos que, mesmo tendo uma revisão inicial da literatura, esse movimento pode ser adicionado em qualquer etapa do estudo e auxiliar desde a formulação do problema até a elaboração do relatório de resultados, na verdade, no enfoque qualitativo, de modo geral, é preciso revisitar as etapas anteriores. Nesse sentido, Sampieri, Collado e Lucio (2010, p.33) dizem que:

[...] o primeiro desenho do estudo pode ser modificado quando definimos a amostra inicial e pretendemos ter acesso a ela (quando, por exemplo, queremos observar determinadas pessoas em seus ambientes naturais e por alguma razão descobrimos que isso não pode ser feito; nesse caso, a amostra e os ambientes de estudo precisam variar e o desenho deve ser adaptado).

Diante dessa visão, as pesquisas qualitativas se apresentam como processos que se “[...] baseiam mais em uma lógica e em um processo indutivo (explorar e descrever, e depois gerar perspectivas teóricas).” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p.33).

3.2.2 Início do enfoque qualitativo

O enfoque qualitativo se fundamenta mais em uma lógica e em um processo indutivo – explorar e descrever, e depois gerar perspectivas teóricas – afirmam Simpieri, Collado e Lucio (2010). Igualmente, é um processo de pesquisa que principia do particular ao geral. Para explicitar a visualização do início da abordagem qualitativa, elaboramos a figura 12, elencando os principais elementos, conforme segue:

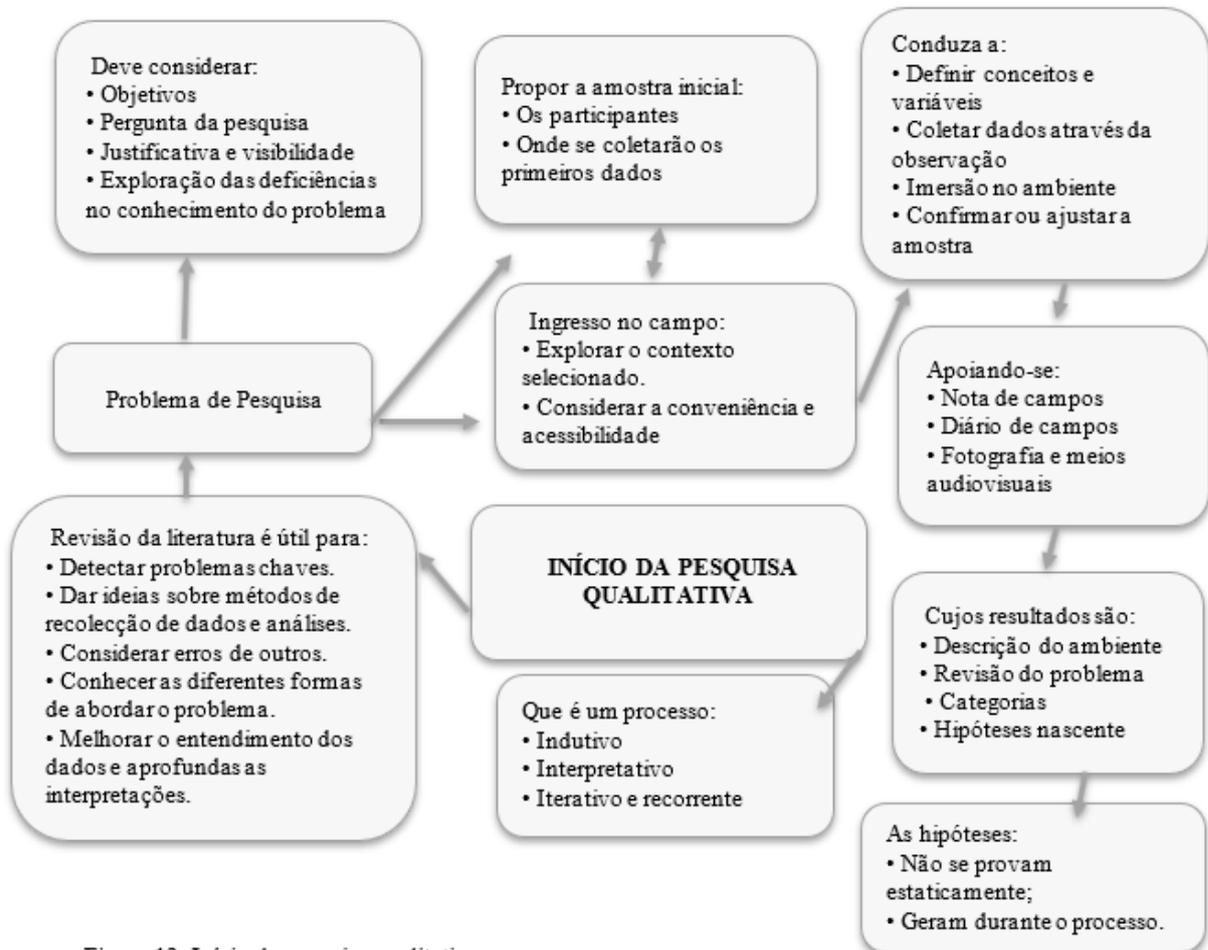


Figura 12: Início da pesquisa qualitativa

Assim, complementando a discussão, apresentamos, a seguir, acerca da amostra na pesquisa qualitativa.

3.2.3 Amostra na pesquisa qualitativa

A amostra se apresenta no enfoque qualitativo como um procedimento visando analisar o todo através da retirada de uma parte. Na verdade, a amostra não “[...]é uma representação da população, mas uma seleção de casos capaz de oferecer informações relevantes.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 33). Para sintetizar as análises a respeito da amostra na abordagem qualitativa, apresentamos a figura 13.

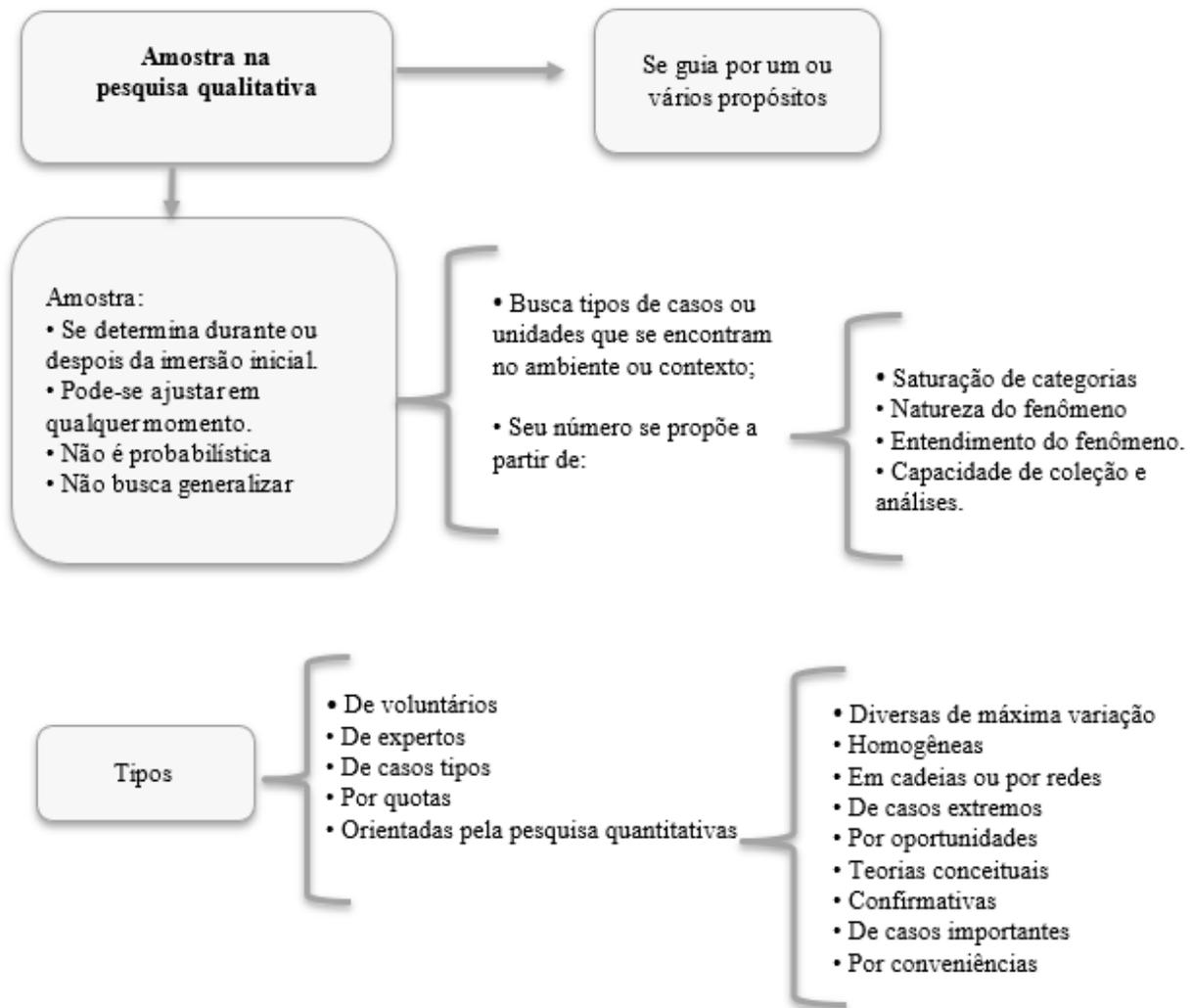


Figura 13: Início da pesquisa qualitativa

Assim, dando seguimento ao estudo do processo qualitativo, passamos a discorrer acerca da coleta de dados.

3.2.4 Desenhos da pesquisa qualitativa

Nos enfoques qualitativos, o desenho da pesquisa diz respeito à abordagem que o pesquisador utilizará no processo do estudo. Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 489) realçam que “[...] as ‘fronteiras’ entre esses desenhos são extremamente relativas, realmente não existem, e a maioria dos estudos pega elementos de mais de um deles. Ou seja, os desenhos se justapõem”. Para explicitar a visualização dos principais tipos de desenhos qualitativos, elaboramos o quadro 4 com uma síntese de cada desenho, a saber: teoria fundamentada, pesquisa-ação, desenhos fenomenológicos, desenhos etnográficos e desenhos narrativos. Para

ver mais acerca dos desenhos da pesquisa qualitativa, consultar a Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 497- 520).

Assim, dando seguimento ao estudo do processo qualitativo, passamos a discorrer acerca da coleta e análises de dados na pesquisa qualitativa.

3.2.5 Coleta e análises de dados na pesquisa qualitativa

No enfoque qualitativo, a coleta e análises de dados são atividades quase que simultâneas. Na verdade, as etapas da abordagem qualitativa são “[...] ações que realizamos para atingir os objetivos da pesquisa e responder às perguntas do estudo e que se justapõem. Além disso, são iterativas ou recorrentes.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 485). Para delinear a coleta e análises na pesquisa qualitativa, relacionamos, conforme descrição apresentada por Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 485-486, grifo nosso), elementos que caracterizam cada atividade, a saber:

Coleta de dados: O instrumento de coleta dos dados no processo qualitativo é o pesquisador. Os dados são coletados por meio de diversas *técnicas ou métodos*, que também podem mudar no decorrer do estudo: observações, entrevistas, análise de documentos e registros, etc. *Os elementos potenciais a serem observados são:* o ambiente físico, ambiente social, atividades (ações) individuais e coletivas, artefatos que os participantes usam e suas funções, fatos relevantes, eventos e histórias, e retratos humanos. *A entrevista qualitativa* é profunda e minuciosa, flexível e aberta. Pode ser definida como uma reunião para a troca de informação entre uma pessoa (o entrevistador) e outra (o entrevistado) ou outras (entrevistados). *As entrevistas se dividem* em estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas ou abertas. *Na coleta de dados qualitativos*, é conveniente ter várias fontes de informação e utilizar vários métodos. *Os dados qualitativos são bem variados*, mas na essência são narrações dos participantes: a) visuais (fotografias, vídeos, pinturas, etc.), b) auditivas (gravações), c) textos escritos (documentos, cartas, etc.) e d) expressões verbais e não verbais (respostas orais e gestos em uma entrevista ou grupo focal). Além das narrações do pesquisador (notas no diário de campo). *A análise qualitativa* implica refletir constantemente sobre os dados coletados. • Para efetuar uma análise qualitativa, os dados são organizados e as narrações orais são transcritas. • *Ao revisar o material*, as unidades de análise emergem dos dados. • O pesquisador analisa cada unidade e extrai seu significado. *Das unidades surgem as categorias*, pelo método de comparação constante (semelhanças e diferenças entre as unidades de significado). E assim se efetua a codificação em um primeiro plano. A codificação em um segundo plano implica comparar categorias e agrupá-las em temas (também por meio da comparação constante). • As categorias e temas são relacionados para obter classificações, hipóteses e teorias. Para realizar a análise dos dados qualitativos, o pesquisador pode recorrer a programas eletrônicos, principalmente ao Atlas.ti® e ao Decision Explorer®.

Por conseguinte, dando seguimento ao estudo do processo qualitativo, passamos agora a tratar do Relatório de resultado do processo qualitativo.

3.2.6 Relatório de resultado do processo qualitativo

Na abordagem qualitativa, o relatório se apresenta num movimento narrativo em que os resultados são desvelados minuciosamente. No entendimento de Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 528), esses relatórios “[...] devem oferecer uma resposta para a formulação do problema e fundamentar as estratégias utilizadas para abordá-lo, assim como os dados que foram coletados, analisados e interpretados pelo pesquisador.” Nesses termos, fundamentada nos autores supracitados, apresentamos algumas características dos relatórios qualitativos.

Os relatórios de resultados do processo qualitativo podem ter os mesmos formatos dos relatórios quantitativos; A primeira coisa que o pesquisador deve definir é o tipo de relatório que precisa elaborar e, para isso, ele deve ter as seguintes questões bem claras: 1- as razões pelas quais a pesquisa surgiu; 2- os usuários do estudo; 3- e o contexto em que deverá ser apresentado; [...] deve dar uma resposta para a formulação do problema e indicar as estratégias utilizadas para abordá-lá, assim como os dados que foram coletados, analisados e interpretados pelo pesquisador; Antes de elaborar o relatório, é necessário revisar o sistema completo de categorias, temas e regras de codificação; A estrutura mais comum do relatório qualitativo é: folha de rosto, sumário(s), resumo, corpo do documento (introdução, metodologia, análise e resultados e discussão), referências e apêndices; Ao concluir a análise e elaborar o relatório qualitativo, o pesquisador deve vincular os resultados com os estudos anteriores; Se for possível, é conveniente incluir de cada categoria exemplos de unidades de todos os grupos ou atores, e o ideal é que as categorias sejam apoiadas por várias fontes. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 528).

Ressaltamos que o “[...] relatório seja revisado pelos participantes, de uma maneira ou de outra, eles têm de validar os resultados e as conclusões.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 528).

Leitura recomendada:

- SAMPIERI, R. H.; COLLADO C. F.; LUCIO, M. del P. B. Os enfoques quantitativo e qualitativo na pesquisa científica. *In*: SAMPIERI, R. H.; COLLADO C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2010. p. 28-45.
- STAKE, R. E. Pesquisa qualitativa como as coisas funcionam. *In*: STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 21- 45.
- RICHARDSON, R. J. Paradigmas de Pesquisa: método quantitativo, método qualitativo e método misto. *In*: RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 53-74.

UNIDADE II

4.PROJETO DE PESQUISA

A pesquisa requer que as ações desenvolvidas no decurso de seu processo sejam realmente planejadas. A propósito, o planejamento se apresenta como a fase inicial da pesquisa e “[...] concretiza-se mediante a elaboração de um projeto, que é o documento explicitador das ações a serem desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa.” (GIL, 2012, p. 19). Por esse motivo, o projeto é a etapa mais importante de uma pesquisa.

Nesta unidade, apresentamos a configuração do planejamento da pesquisa, destacando os subsídios de ordem teórica sobre a estrutura da pesquisa e alguns elementos de apoio na construção do texto acadêmico.

4.1 Planejamento da Pesquisa

Pesquisar significa produzir novos conhecimentos, como também buscar ou procurar resposta para uma pergunta. Em se tratando de pesquisa científica, refere-se à busca de reflexões a respeito de um problema que alguém queira compreender. Para corroborar, também, a expressão apresentada, Ander-Egg (1978 *apud* LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 168) assevera que a pesquisa é um “[...] procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento.”

Nessa direção, as autoras caracterizam o planejamento da pesquisa nas seguintes etapas: *preparação da pesquisa, fases da pesquisa, execução da pesquisa e relatório de pesquisa*. Os passos da *preparação da pesquisa*, conforme detalhamento de Lakatos e Marconi (2017, p. 168, grifo nosso), são: Decisão Especificação de objetivos Elaboração de um plano de trabalho Levantamento de recursos e cronograma. Ressaltamos que para obter mais informações acerca dos passos da preparação da pesquisa, consultar Lakatos e Marconi (2017, p. 168).

Dando continuidade à apresentação das etapas do planejamento da pesquisa, temos as *fases da pesquisa*. Nesse sentido, a primeira fase é: **escolha do tema**. Segundo Lakatos e Marconi (2017), o tema é o assunto que se pretende estudar e pesquisar. É pertinente esclarecer que o movimento de delimitar corretamente um tema pode percorrer por toda a pesquisa. A propósito, escolher o tema diz respeito a: “a) *Selecionar um assunto de acordo com as inclinações, as possibilidades, as aptidões e as tendências de quem se propõe a elaborar um trabalho científico.* b) *Encontrar um objeto que mereça ser investigado cientificamente e tenha*

condições de ser formulado e delimitado em função da pesquisa.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 172, grifo das autoras). As autoras, ainda, acrescentam que:

o assunto escolhido deve ser exequível e adequado em termos tanto dos fatores externos quanto dos internos ou pessoais. A disponibilidade de tempo, o interesse, a utilidade e a determinação para prosseguir o estudo, apesar das dificuldades, e para terminá-lo devem ser levados em consideração. As qualificações pessoais, em termos de background da formação universitária, também são importantes. A escolha de um assunto sobre o qual, recentemente, foram publicados estudos deve ser evitada, pois uma nova abordagem torna-se mais difícil. O tema deve ser preciso, bem determinado e específico. Responde à pergunta: O que será explorado? (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 172).

Assim, dando seguimento às *fases da pesquisa*, temos o *levantamento de dados*. No entendimento de Lakatos e Marconi (2017), no processo de aquisição de dados, podemos nos ancorar em três procedimentos: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e contatos diretos. Percorrendo esse viés, as autoras afirmam que:

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificar o trabalho, a evitar determinadas publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. A soma do material coletado, aproveitável e adequado variará de acordo com a habilidade do investigador, de sua experiência e capacidade em descobrir indícios ou subsídios importantes para o seu trabalho. Antes de iniciar qualquer pesquisa de campo, o primeiro passo é a análise minuciosa de fontes documentais que sirvam de suporte à investigação projetada. A investigação preliminar (estudos exploratórios) deve ser realizada através de dois aspectos: documentos e contatos diretos. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173).

Ainda, de acordo com as autoras, os principais tipos de documentos são, a saber:

a) **Fontes primárias:** dados históricos, bibliográficos e estatísticos; informações, pesquisas e material cartográfico; arquivos oficiais e particulares; registros em geral; documentação pessoal (diários, memórias, autobiografias); correspondência pública ou privada etc. b) **Fontes secundárias:** imprensa em geral e obras literárias. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173, grifo das autoras).

No contexto dessas análises, as autoras dizem que “[...] os contatos diretos, pesquisa de campo ou de laboratório são realizados com pessoas que podem fornecer dados, ou sugerir possíveis fontes de informações úteis. As duas tarefas, pesquisa bibliográfica e de campo, podem ser executadas concomitantemente.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173).

A outra fase da pesquisa é a *formulação do problema*. Nessa fase, é necessário seguir alguns passos, pois o “[...] problema é uma dificuldade, teórica ou prática, no conhecimento de

alguma coisa de real importância, para a qual se deve encontrar uma solução. Definir um problema significa especificá-lo em detalhes precisos e exatos.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173). Sendo assim, na formulação do problema, deve:

[...] haver **clareza, concisão e objetividade**. A colocação clara do problema pode facilitar a construção da hipótese central. O problema deve ser levantado, formulado de forma interrogativa e delimitado com indicações das variáveis que intervêm no estudo de possíveis relações entre si. É um processo contínuo de pensar reflexivo, cuja formulação requer conhecimentos prévios do assunto (materiais informativos), ao lado de uma imaginação criadora. A proposição do problema é tarefa complexa, pois extrapola a mera identificação dele: exige os primeiros reparos operacionais, isolamento e compreensão dos fatores específicos, que constituem o problema no plano de hipóteses e de informações. A gravidade de um problema depende da importância dos objetivos e da eficácia das alternativas. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173, grifo nosso).

Sobre essa questão, ainda é possível dizer que, “[...] a caracterização do problema define e identifica o assunto em estudo, [a propósito], um problema muito abrangente torna a pesquisa mais complexa; [quando] bem delimitado, simplifica e facilita a maneira de conduzir a investigação.” (MARINHO, 1980, p. 55 *apud* LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173).

As autoras, ainda, alertam que, antes de ser considerado apropriado, o problema precisa ser examinado sob a perspectiva de sua valoração, a saber:

a) **Viabilidade**: pode ser eficazmente resolvido através da pesquisa? b) **Relevância**: é capaz de trazer conhecimentos novos? c) **Novidade**: está adequado ao estágio atual da evolução científica? d) **Exequibilidade**: com esse problema, é possível chegar a uma conclusão válida? e) **Oportunidade**: o problema atende a interesses particulares e gerais? Uma forma de conceber um problema científico é relacionar vários fatores (variáveis independentes) com o fenômeno em estudo. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173, grifo das autoras).

No entorno dessa complexidade, as autoras supracitadas consideram que “[...] uma forma de conceber um problema científico é relacionar vários fatores (variáveis independentes) com o fenômeno em estudo. O problema pode tomar diferentes formas, de acordo com o objetivo do trabalho.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173). Nesses termos, Pardinas (1977 *apud* LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173, grifo nosso), diz que o problema apresenta quatro tipos, a saber:

1. **Problema de estudos acadêmicos**: estudo descritivo, de caráter informativo, explicativo ou preditivo. 2. **Problema de informação**: coleta de dados a respeito de estruturas e condutas observáveis, dentro de uma área de fenômenos. 3. **Problemas de ação**: campos de ação onde determinados conhecimentos sejam aplicados com êxito. 4. **Investigação pura e aplicada**: estuda um problema relativo ao conhecimento científico ou à sua aplicabilidade.

Nesse sentido, dando seguimento à análise das fases da pesquisa, temos outro elemento da pesquisa, a saber, a **definição dos termos**. Segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 173), o “[...]”

objetivo principal da definição dos termos é torná-los claros, compreensivos, objetivos e adequados.” As autoras dizem que:

É importante definir os termos que possam dar margem a interpretações errôneas. O uso de termos apropriados, consistentemente definidos, contribui para a melhor compreensão da realidade observada. Alguns conceitos podem estar perfeitamente ajustados aos objetivos ou aos fatos que eles representam. Outros, todavia, menos usados, podem oferecer ambiguidade de interpretação e, ainda, há aqueles que precisam ser compreendidos com um significado específico. Muitas vezes, as divergências de certas palavras ou expressões são devidas às teorias ou áreas do conhecimento, que focalizam sob diferentes aspectos. Por isso, os termos devem ser definidos, esclarecidos, explicitados. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 173).

Lakatos e Marconi (2017, p. 175) sinalizam que “[...] se o termo utilizado não condiz com ou não satisfaz ao requisito que lhe foi atribuído, ou seja, não tem o mesmo significado intrínseco, causando dúvidas, deve ser substituído ou definido de forma que evite confusão de ideias.”

Outra fase da pesquisa é a **construção de hipóteses**. No entendimento de Lakatos e Marconi (2017, p. 175), a hipótese:

[...] é uma proposição que se faz na tentativa de verificar a validade de resposta existente para um problema. É uma suposição que antecede a constatação dos fatos e tem como característica uma formulação provisória: deve ser testada para determinar sua validade. Correta ou errada, de acordo com o senso comum ou contrária a ele, a hipótese sempre conduz a uma verificação empírica. A função da hipótese, na pesquisa científica, é propor explicações para certos fatos e, ao mesmo tempo, orientar a busca de outras informações. A clareza da definição dos termos da hipótese é condição de importância fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Praticamente, não há regras para a formulação de hipóteses de trabalho de pesquisa científica, mas é necessário que haja embasamento teórico e que elas sejam formuladas de tal maneira que possam servir de guia na tarefa da investigação. Os resultados finais da pesquisa poderão comprovar ou rejeitar as hipóteses; neste caso, se forem reformuladas, outros testes terão de ser realizados para sua comprovação.

Goode e Hatt (1969 *apud* LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 175) admitem que, na formulação de hipóteses úteis, “[...] há três dificuldades principais: desconhecimento ou ausência de um quadro de referência teórico claro; falta de habilidade para utilização do quadro teórico; desconhecimento das técnicas de pesquisa existentes necessárias para expressar adequadamente a hipótese.” As autoras, porém, ampliam suas discussões a esse respeito, informando que:

No início de qualquer investigação, devem-se formular hipóteses, embora, nos estudos de caráter meramente exploratórios ou descritivos, seja dispensável sua explicitação formal. Entretanto, a utilização de uma hipótese é necessária para que a pesquisa apresente resultados úteis, ou seja, atinja níveis de interpretação mais altos. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 175).

Assim, dando seguimento ao estudo do planejamento da fase da pesquisa, temos a *indicação de variáveis*. Sobre essa questão, Lakatos e Marconi (2017, p. 175) dizem que “[...] ao se colocar o problema e a hipótese, deve ser feita também a indicação das variáveis dependentes e independentes.” Essas variáveis precisam ser estabelecidas com “[...] clareza e objetividade e de forma operacional [...]”, afirmam Lakatos e Marconi (2017, p. 175). Ainda é possível dizer que quaisquer variáveis que podem “interferir ou afetar o objeto em estudo devem ser não só levadas em consideração, mas também devidamente controladas, para impedir comprometimento ou risco de invalidação da pesquisa.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 175).

Outra fase da pesquisa é a *delimitação da pesquisa*. Essa etapa se apresenta como o momento de determinar os limites para a investigação. No entendimento de Lakatos e Marconi (2017, p. 175, grifo nosso), a pesquisa pode ser delimitada em relação:

- a) **Ao assunto**, se selecionamos um tópico, a fim de impedir que se torne ou muito extenso ou muito complexo.
- b) **À extensão**, porque nem sempre se pode abranger todo o âmbito onde o fato se desenrola.
- c) **A uma série de fatores**, como meios humanos, econômicos e de exiguidade de prazo, que podem restringir o seu campo de ação.

As autoras esclarecem que, em alguns casos, não é preciso fazer delimitação, pois o próprio assunto e seus objetivos podem estabelecer limites. Nesse sentido, Ander-Egg (1978 *apud* LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 176, grifo nosso) apresenta três níveis de limites, quanto:

- a) **Ao objeto**, que consiste na escolha de maior ou menor número de variáveis que intervêm no fenômeno a ser estudado. Selecionado o objeto e seus objetivos, estes podem condicionar o grau de precisão e especialização do objeto.
- b) **Ao campo de investigação**, que abrange dois aspectos: limite no tempo, quando o fato deve ser estudado em determinado momento, e limite no espaço, quando deve ser analisado em certo lugar. Trata-se, evidentemente, da indicação do quadro histórico e geográfico em cujo âmbito se localiza o assunto.
- c) **Ao nível de investigação**, que engloba três estágios: exploratório, de investigação e de comprovação de hipóteses, já referidos anteriormente. Cada um deles exige rigor e refinamento metodológico.

Lakatos e Marconi (2017, p. 175) substancia esse entendimento ao referir que “[...] após a escolha do assunto, o pesquisador pode decidir ou pelo estudo de todo o universo da pesquisa ou apenas sobre uma amostra.”

A outra fase da pesquisa é a *seleção de métodos e técnicas*. Conforme, Lakatos e Marconi (2017, p. 178), “[...] os métodos e as técnicas a serem empregados na pesquisa científica podem ser selecionados desde a proposição do problema, da formulação das hipóteses e da delimitação do universo ou da amostra.” As autoras, ainda, dizem que:

A seleção do instrumental metodológico está, portanto, diretamente relacionada com o problema a ser estudado. A escolha dependerá dos vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, natureza dos fenômenos, objeto da pesquisa, recursos financeiros, equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação. Tanto os métodos quanto as técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas que se queira confirmar, ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 178).

Assim, dando seguimento ao estudo sobre as fases da pesquisa, temos a **organização do instrumental de pesquisa**. Ressaltamos que a organização do instrumento de pesquisa é uma etapa que exige tempo. Lakatos e Marconi (2017) alertam que, ao iniciar as atividades de investigação, é preciso organizar não só os instrumentos de observação, bem como o dossiê de documentação concernente à pesquisa: pastas, cadernos, livretos, principalmente fichários. Nesse sentido, as autoras apontam três tipos de fichários:

a) **De pessoas visitadas ou entrevistadas**, ou que se pretende visitar, com alguns dados essenciais. b) **De documentação**, em que aparecem os documentos já lidos ou a serem consultados, com as devidas referências. c) **Dos indivíduos pesquisados ou objetos de pesquisa**, vistos em sentido estatístico: pessoas, famílias, classes sociais, indústrias, comércios, salários, transportes etc. (LEBRET, 1961, p.100 *apud* LAKATO; MARCONI, 2017, p. 178, grifo das autoras)

A esse respeito, reforçam as autoras, o “[...] arquivo, que hoje é realizado em computadores, deve conter, também, resumos de livros, recortes de textos de periódicos, notas, artigos científicos e outros materiais necessários à ampliação de conhecimentos, mas cuidadosamente organizados.” (LAKATO; MARCONI, 2017, p. 178).

Outra fase da pesquisa é o **teste de instrumentos e procedimentos**. Lakatos e Marconi (2017, p.178) ressaltam que, depois da elaboração dos instrumentos de pesquisa:

o procedimento mais utilizado para averiguar a sua validade é o teste preliminar ou pré-teste, que consiste em testar os instrumentos da pesquisa sobre uma pequena parte da população do universo ou da amostra, antes de ser aplicado definitivamente, a fim de evitar que a pesquisa chegue a um resultado falso. Seu objetivo, portanto, é verificar até que ponto esses instrumentos têm realmente condições de garantir resultados isentos de erros. Nem sempre é possível prever todas as dificuldades e problemas decorrentes de uma pesquisa que envolva coleta de dados. Questionários podem não funcionar; as perguntas podem ser subjetivas, mal formuladas, ambíguas, de linguagem inacessível; os respondentes podem reagir ou mostrar equívocos; a amostra pode ser inviável (grande demais). Assim, a aplicação do pré-teste poderá evidenciar possíveis erros, permitindo a reformulação da falha no questionário definitivo.

Reforçamos, desse modo, que, para a pesquisa proporcionar “[...] boas perspectivas científicas, certas exigências devem ser levadas em consideração: fidelidade de aparelhagem, precisão e consciência dos testes; objetividade e validade das entrevistas e dos questionários ou formulários; critérios de seleção da amostra.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p.178).

Após as **fases da pesquisa**, vem a etapa da **execução da pesquisa**. O primeiro passo dessa etapa é a **coleta dos dados**. Na execução da pesquisa, a coleta de dados é o momento em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, objetivando efetuar a coleta dos dados previstos. Esse movimento é descrito por Lakatos e Marconi (2017, p. 180) da seguinte maneira:

É tarefa cansativa e toma, quase sempre, mais tempo do que se espera. Exige do pesquisador paciência, perseverança e esforço pessoal, além do cuidadoso registro dos dados e de um bom preparo anterior. O rigoroso controle na aplicação dos instrumentos de pesquisa é fator fundamental para evitar erros e defeitos resultantes de entrevistadores inexperientes ou de informantes tendenciosos. São vários os procedimentos para a realização da coleta de dados, que variam de acordo com as circunstâncias ou com o tipo de investigação.

As autoras frisam que, em vias gerais, as técnicas de pesquisa são: coleta documental, observação, entrevista, questionário, formulário, medidas de opinião e de atitudes, técnicas mercadológicas, testes, sociometria, análise de conteúdo, história de vida.

O outro passo na execução da pesquisa é a **elaboração dos dados**. Segundo Lakatos e Marconi (2017), depois de coletar os dados, eles são elaborados e classificados de forma sistemática. De acordo com as autoras, é necessário, antes da análise e interpretação, seguir os seguintes passos em relação aos dados, a saber: seleção, codificação, tabulação. Para ter mais informação sobre esses passos, consultar Lakatos e Marconi (2017, p. 181).

Outro passo da execução da pesquisa é a **análise e interpretação dos dados**. Após a manipulação dos dados e alcançados os resultados, a próxima etapa é a análise e interpretação, “[...] constituindo-se ambas no núcleo central da pesquisa.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 182). A propósito, a análise e interpretação “[...] representa a aplicação lógica dedutiva e indutiva do processo de investigação.” (BEST, 1972, p. 152 *apud* LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 183). As referidas autoras afirmam que a análise e a interpretação se apresentam como duas atividades diferentes, mas fortemente relacionadas e, como processo, comportam duas operações, a saber:

1. Análise (ou explicação): é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. Essas relações podem ser “estabelecidas em função de suas propriedades relacionais de causa-efeito, produtor-produto, de correlações, de análise de conteúdo etc.” (TRUJILLO FERRARI, 1974, p. 178). Em síntese, a elaboração da análise, propriamente dita, é realizada em três níveis: **a) Interpretação**: verificação das relações entre as variáveis independente e dependente, e da variável interveniente (anterior à dependente e posterior à independente), a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno (variável dependente). **b) Explicação**: esclarecimento sobre a origem da variável dependente e necessidade de encontrar a variável antecedente (anterior às variáveis independente e dependente). **c) Especificação**: explicitação sobre até que ponto as relações entre as variáveis independente e dependente são válidas (como, onde e quando). Na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas para suas indagações, e procura estabelecer

relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise. **2. Interpretação:** é a atividade intelectual que procura dar significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Em geral, a interpretação significa a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objetivos propostos e ao tema. Esclarece não só o significado do material, mas também faz ilações mais amplas dos dados discutidos. Na interpretação dos dados da pesquisa, é importante que eles sejam colocados de forma sintética e de maneira clara e acessível. Dois aspectos são importantes: **a) Construção de tipos, modelos, esquemas.** Após os procedimentos estatísticos realizados com as variáveis e a determinação das relações permitidas ou possíveis, de acordo com a hipótese ou problema, é chegado o momento de utilizar conhecimentos teóricos, a fim de obter os resultados previstos. **b) Relação com a teoria.** Esse problema aparece desde o momento inicial da escolha do tema; é de ordem metodológica e pressupõe uma definição em relação às alternativas disponíveis de interpretação da realidade social. (LAKATOS; MARCONI, 2017, 182, grifo das autoras).

Sobre a questão da interpretação dos dados da pesquisa, as autoras dizem que é “[...] importante que eles sejam colocados de forma sintética e de maneira clara e acessível.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, 182). Para tanto, dois aspectos são importantes, a saber:

a) Construção de tipos, modelos, esquemas. Após os procedimentos estatísticos realizados com as variáveis e a determinação das relações permitidas ou possíveis, de acordo com a hipótese ou problema, é chegado o momento de utilizar conhecimentos teóricos, a fim de obter os resultados previstos. b) Relação com a teoria. Esse problema aparece desde o momento inicial da escolha do tema; é de ordem metodológica e pressupõe uma definição em relação às alternativas disponíveis de interpretação da realidade social. (LAKATOS; MARCONI, 2017, 182).

Nesse sentido, as autoras, acrescentam que, para realizar à análise e interpretação dos dados, é necessário considerar dois aspectos:

a) Planejamento bem elaborado da pesquisa, para facilitar a análise e a interpretação. b) Complexidade ou simplicidade das hipóteses ou dos problemas, que requerem abordagem adequada, mas diferente; a primeira exige mais tempo, mais esforço, sendo mais difícil sua verificação; na segunda, ocorre o contrário. (LAKATOS; MARCONI, 2017, 182).

Nesses termos, Lakatos e Marconi (2017), alertam que, mesmo com dados válidos, é a eficácia da análise e da interpretação que determina o valor da pesquisa.

Outro passo da execução da pesquisa é a **representação dos dados**. Essa representação dos dados pode ser apresentada através de tabelas, quadros e gráficos. A tabela ou quadro é um recurso estatístico sistemático de visualização de dados em “[...] colunas verticais ou fileiras horizontais, que obedece à classificação dos objetos ou materiais da pesquisa.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p.184).

Ressaltamos que esse recurso é excelente na apresentação dos dados, pois facilita para o leitor a compreensão e a interpretação ágeis da massa de dados: “apenas com uma olhada, o leitor poderá apreender importantes detalhes e relações.” (LAKATOS; MARCONI (2017,

p.184). Na verdade, seu potencial está em auxiliar o pesquisador na distinção de diferenças, semelhanças e relações, mediante a compreensão e distinção que a organização lógica e a exposição gráfica oferecem às classificações, afirmam Lakatos e Marconi (2017). As autoras alertam que “[...] quanto mais simples for a tabela ou o quadro, concentrando-se sobre limitado número de informações, melhor; elas ficam mais claras, mais objetivas. Quando se há muitos dados, é preferível utilizar um número maior de tabelas para não reduzir o seu valor interpretativo.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p.184).

Ainda, segundo as autoras, uma boa tabela tem a característica de mostrar as ideias e relações independentemente do texto de informações. Nesses termos, a utilização da tabela exige as seguintes regras:

No texto, a tabela é identificada com um algarismo arábico. Suponhamos: Tabela 15, mas pode também receber um número indicativo do capítulo e outro relativo à sequência da tabela: Tabela 3.9 (nesse caso, está indicando que é a nona tabela do capítulo 3). **Na tabela propriamente**, o título aparece em letras maiúsculas e centralizado. Não se usa ponto ao final do título. **O título principal deve ser curto**, indicando claramente a natureza dos dados apresentados; esporadicamente, pode aparecer um subtítulo. **A fonte dos dados**, representados na ilustração, deve ser colocada abaixo da tabela, com nome do autor, se houver, e a data. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 185, grifo nosso).

A propósito, Lakatos e Marconi (2017) afirmam que muitos autores compreendem que tabelas e quadros são sinônimos e outros consideram que são diferentes. Nesse sentido, a diferença tange ao seguinte aspecto:

a) Tabela: é construída utilizando-se dados obtidos pelo próprio pesquisador em números absolutos e/ou percentagens. **b) Quadro:** é elaborado tendo por base dados secundários, isto é, obtidos de fontes como o IBGE e outros, inclusive livros, revistas etc. Dessa forma, o quadro pode ser a transcrição literal desses dados, quando então necessitam de indicação da fonte. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p.184, grifo das autoras).

É pertinente, esclarecer que a representação dos dados por gráficos é mais utilizada em pesquisa de abordagem quantitativa ou mista (Quali. Quanti.).

Outro passo da execução da pesquisa é a **conclusão**. Esse momento consiste na fase final do planejamento e organização do projeto de pesquisa e apresenta a explicitação dos resultados, considerados relevantes. Na verdade, é um resumo das ideias significativas e dos expressivos resultados obtidos, relatados com precisão e clareza. Ressaltamos que a introdução e a conclusão em um trabalho científico, de modo geral, são as últimas partes a serem redigidas. (LAKATOS; MARCONI, 2017).

4.2 Estrutura do projeto

Na condução do estudo sobre o projeto de pesquisa, Lakatos e Marconi (2019) apresenta a estrutura do projeto, a saber: apresentação, objetivo, justificativa, objeto, metodologia, embasamento teórico, cronograma, orçamento, instrumentos de pesquisa e bibliografia (referências). A respeito disso, as autoras dizem que a **apresentação** do projeto tem o objetivo de responder à *questão quem?* Assim, a primeira parte é a **capa**, onde são retratados os elementos essenciais ao entendimento do estudo que se intenciona realizar, sob as indicações de quem e ao conhecimento do responsável pelo estudo. Ressaltamos que o nome da entidade (instituição, organização, empresa, escola) diz respeito ao daquela a que, de alguma maneira, está vinculado o coordenador.

O título, complementado ou não por subtítulo, difere do tema. Ao passo que o subtítulo admite um processo de delimitação e especificação, para tornar possível a realização da investigação, o título, por sua vez, resume o conteúdo dela, afirmam Lakatos e Marconi (2017). A propósito, “[...] o *título* de uma pesquisa não corresponde ao *tema*, nem à *delimitação do tema*, mas emana dos *objetivos geral e específicos*, quase como uma ‘*síntese*’ deles. Pode comportar um *subtítulo*; neste caso, o *título* será mais abrangente, ficando a caracterização para o *subtítulo*.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 237, grifo das autoras). Outro elemento a ser identificado na **capa** é o responsável pela pesquisa. Também o local, que se refere à cidade em que se encontra sediada a instituição ou a equipe de investigação, bem como a data que se refere apenas ao ano em que o projeto é apresentado; é desnecessária a indicação do mês.

O outro aspecto na estrutura do projeto é o **objetivo**. Nesse sentido, conforme Lakatos e Marconi (2017), a caracterização do objetivo de uma pesquisa responde às questões *para quê?* e *para quem?* Realçamos que o objetivo da pesquisa apresenta: “*tema, delimitação do tema, objetivo geral, objetivos específicos.*” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 238). As autoras dizem que o tema é o assunto que pretende provar ou desenvolver e pode:

- (1) surgir de uma dificuldade prática enfrentada pelo coordenador, da sua curiosidade científica, de desafios encontrados na leitura de outros trabalhos ou da própria teoria;
- (2) pode ter sido sugerido pela entidade responsável pela parte financeira; portanto, encomendado, o que não lhe tira o caráter científico, desde que não haja interferência no desenrolar da pesquisa;
- (3) pode se encaixar em temas muito amplos, determinados por uma entidade que se dispõe a financiar pesquisas e que promove concorrência entre pesquisadores, distribuindo a verba de que dispõe entre os que apresentam os melhores projetos. (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 238).

A propósito, a despeito de sua origem, o tema é, nessa fase, inevitavelmente amplo; “deve-se, porém, estabelecer com precisão o assunto geral sobre o qual se deseja realizar a pesquisa.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 238).

No que tange à **delimitação do tema**, o processo só é concluído quando se faz a sua “[...] limitação geográfica e espacial, com vistas na realização da pesquisa. Muitas vezes, as verbas disponíveis determinam limitação maior do que o desejado pelo coordenador, mas, se se pretende um trabalho científico, é preferível o aprofundamento à extensão[...]”, dizem Lakatos e Marconi (2019, p. 238).

Matias-Pereira (2019) alerta que a **definição do tema** de uma pesquisa em um programa ou curso de graduação ou pós-graduação deve ser realizada com o orientador do aluno, bem como “[...] o tema deve estar relacionado à linha de pesquisa do orientador ou à linha de pesquisa à qual o aluno está vinculado; [...] deve ser definido preferencialmente em função da sua relevância e atualidade; [...] numa área onde você tenha domínio e sintá-se confortável.” (MATIAS-PEREIRA, 2019, p. 76).

Sobre o **objetivo geral**, Lakatos e Marconi (2019, p. 239) registram que ele está “[...] ligado a uma visão global e abrangente do tema. Relaciona-se com o conteúdo intrínseco, quer dos fenômenos e eventos, quer das ideias estudadas. Vincula-se diretamente à própria significação da tese proposta pelo projeto.” E acerca dos **objetivos específicos**, as autoras dizem que, “[...] apresentam caráter mais concreto. Têm função intermediária e instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicá-lo a situações particulares.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 239).

No entendimento de Matias-Pereira (2019, p. 81), é fundamental estabelecer de maneira “[...] clara o objetivo principal da pesquisa, bem como os seus objetivos secundários.” Ainda, segundo o autor, o conjunto dos objetivos secundários fundamenta o objetivo principal da pesquisa. Na redação do objetivo principal, é aconselhável o uso de verbos de ação, tais como: identificar, verificar, descrever e analisar. Na verdade, o objetivo geral reflete uma visão global e abrangente do tema e deve iniciar com um verbo de ação, ou seja:

quando a pesquisa tem o objetivo de conhecer, usam-se: apontar, citar, classificar, conhecer, definir, descrever, identificar, reconhecer, relatar; **quando a pesquisa tem o objetivo de compreender, usam-se:** compreender, concluir, deduzir, demonstrar, determinar, diferenciar, discutir, interpretar, localizar, reafirmar; **quando a pesquisa tem o objetivo de aplicar, usam-se:** desenvolver, empregar, estruturar, operar, organizar, praticar, selecionar, traçar, otimizar, melhorar; **quando a pesquisa tem o objetivo de analisar, usam-se:** comparar, criticar, debater, diferenciar, discriminar, examinar, investigar, provar, ensaiar, medir, testar, monitorar, experimentar; **quando a pesquisa tem o objetivo de sintetizar, usam-se:** compor, construir, documentar, especificar, esquematizar, formular, produzir, propor, reunir, sintetizar; **quando a**

pesquisa tem o objetivo de avaliar, usam-se: argumentar, avaliar, contrastar, decidir, escolher, estimar, julgar, medir, selecionar. (MATIAS-PEREIRA, 2019, p. 81, grifo nosso).

Richardson (2009, p. 63, grifo nosso) corrobora essa reflexão ao enfatizar que, geralmente, em uma pesquisa “[...] *exploratória* o objetivo geral começa pelos verbos: conhecer, identificar, levantar e descobrir; em uma *pesquisa descritiva*, inicia com os verbos: caracterizar, descrever e traçar; e em uma *pesquisa explicativa*, começa pelos verbos: analisar, avaliar, verificar, explicar etc.” Reitera-se que os objetivos devem iniciar com um verbo no infinitivo, e este verbo deve mostrar uma ação possível de mensuração.

Nesse âmbito, os objetivos específicos têm uma natureza mais específica e concreta. Ademais, “[...] têm função intermediária e instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicá-lo em situações particulares. Os objetivos específicos, num sentido amplo, podem ser entendidos como os capítulos mais relevantes da pesquisa.” (MATIAS-PEREIRA, 2019, p. 82). Comporta, nessa discussão, atentar que o pesquisador precisa refletir sobre a relevância científica do objeto da sua pesquisa. Igualmente, tenha em mente que os objetivos devem dialogar de forma harmoniosa com a justificativa e o problema proposto para a pesquisa.

Outro elemento é **a justificativa**. Ela é o único tópico do projeto que apresenta respostas à *questão por quê?* Ressaltamos que é “de suma importância, geralmente, é o elemento que contribui mais diretamente na aceitação da pesquisa pela(s) pessoa(s) ou entidades que vão financiá-la.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 239). Convém salientar que significa uma apresentação resumida “[...], porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 239). As autoras acrescentam que a justificativa deve enfatizar:

a) O estágio em que se encontra a teoria relativamente ao tema. b) As contribuições teóricas que a pesquisa pode trazer: Confirmação geral. Confirmação na sociedade particular em que se insere a pesquisa. Especificação para casos particulares. Clarificação da teoria. Resolução de pontos obscuros etc. c) Importância do tema do ponto de vista geral. d) Importância do tema para os casos particulares em questão. e) Possibilidade de sugerir modificações no âmbito da realidade abarcada pelo tema proposto. f) Descoberta de soluções para casos gerais e/ou particulares etc. (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 239).

A propósito, é pertinente alertar que a justificativa “[...] não apresenta citações de outros autores. Quando se trata de analisar as razões de ordem teórica, ou de se referir ao estágio de desenvolvimento da teoria, não se pretende explicitar o referencial teórico que se irá adotar,

mas apenas ressaltar a importância da pesquisa no campo da teoria.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 239).

Para Matias-Pereira (2019, p. 81), a justificativa é o momento de refletir no que refere ao motivo da realização da pesquisa, buscando “[...] identificar as razões da preferência pelo tema escolhido e sua importância em relação a outros temas.” O autor quer dizer que, para a elaboração da justificativa da pesquisa, é relevante considerar, entre outras, as seguintes indagações:

O tema escolhido é relevante? Por quê? Quais os motivos pessoais e profissionais que levaram você a escolher este tema? Quais os pontos positivos que você percebe na abordagem proposta? A pesquisa irá contribuir para elevar o nível do conhecimento da ciência no campo estudado? Que vantagens e benefícios você pressupõe que sua pesquisa irá proporcionar? O estudo será útil para estimular a realização de novas pesquisas? A pesquisa irá contribuir para testar as teorias utilizadas e/ou para testar a teoria que está sendo elaborada? (MATIAS-PEREIRA, 2019, p. 81).

Outro tópico da estrutura do projeto é o **objeto**. Ele responde à pergunta *o quê?* e engloba os seguintes elementos: problema, hipótese básica, hipóteses secundárias, variáveis, afirmam Lakatos e Marconi (2019). Ressaltamos que esses elementos já foram apresentados nas etapas das **fases da pesquisa**.

Outro elemento é a **metodologia**. Ela responde, a um só tempo, às *questões como?, com quê?, onde?, quanto?*. Segundo Lakatos e Marconi (2019), corresponde aos seguintes componentes: método de abordagem, métodos de procedimento, técnicas, delimitação do universo (descrição da população) e tipo de amostragem. Nessa direção, as autoras dizem que a maioria dos teóricos faz, atualmente, diferenciação entre método e métodos, por se assentarem em níveis nitidamente distintos, no que se refere:

à sua inspiração filosófica, ao seu grau de abstração, à sua finalidade mais ou menos explicativa, à sua ação nas etapas mais ou menos concretas da investigação e ao momento em que se situam. Partindo do pressuposto dessa diferença, o método se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível mais elevado de abstração, dos fenômenos da natureza e da sociedade. É, portanto, denominado método de abordagem, que engloba o indutivo, o dedutivo, o hipotético-dedutivo e o dialético. (LAKATOS; MARCONI 2019, p. 243).

Segundo as autoras, os métodos de procedimento estabelecem etapas mais sólidas da investigação, com finalidade “[...] mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos. Pressupõem atitude concreta em relação ao fenômeno e estão limitados a um domínio particular.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 243). As autoras, ainda, sinalizam que, nas Ciências Sociais, os principais métodos de procedimento são: histórico, comparativo, monográfico ou estudo de caso, estatístico, tipológico, funcionalista, estruturalista.

Outro elemento da metodologia diz respeito às **técnicas**. Elas correspondem a um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência. Igualmente, representa a parte prática de coleta de dados. Nesses termos, apresentam duas grandes divisões: “*documentação indireta*, abrangendo a pesquisa documental e a bibliográfica, e *documentação direta*.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 242, grifo das autoras).

Outros tópicos da estrutura do projeto são a **delimitação do universo** (descrição da população) e o **tipo de amostragem**. Realçamos que a amostragem não probabilista, “[...] não fazendo uso de uma forma aleatória de seleção, não pode ser objeto de certos tipos de tratamento estatístico, o que diminui a possibilidade de inferir para o todo os resultados obtidos para a amostra.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 243). E percorrendo esse viés, a amostragem probabilista “[...] baseia-se na escolha aleatória dos pesquisados, significando o aleatório que a seleção se faz de forma que cada membro da população tenha a mesma probabilidade de ser escolhido”, afirmam Lakatos e Marconi (2019, p, 243).

Outro aspecto é o **embasamento teórico**. Ele busca responder à *questão como?* Nesses termos, revelam-se os elementos de fundamentação teórica da pesquisa, bem como a definição dos conceitos usados. Esses elementos são: teoria de base, revisão da bibliografia, definição dos termos. Comporta, nessa discussão, atentar para a importância da **revisão da bibliografia**. Lakatos e Marconi (2019), a propósito, entendem que nenhuma pesquisa parte da estaca zero, pois, mesmo que seja:

[...] exploratória, isto é, de avaliação de uma situação concreta desconhecida, em um dado local, alguém ou um grupo, em algum lugar, já deve ter feito pesquisas iguais ou semelhantes, ou mesmo complementares de certos aspectos da pesquisa pretendida. Uma procura de tais fontes, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para a não duplicação de esforços, a não “descoberta” de ideias já expressas, a não inclusão de lugares-comuns no trabalho. (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 245).

As autoras acrescentam que a citação das principais conclusões a que outros autores tiveram, possibilita realçar a contribuição da pesquisa empreendida, revelar contradições, ou ratificar comportamentos e atitudes. Na verdade, tanto a “[...] confirmação, em dada comunidade, de resultados obtidos em outra sociedade quanto a enumeração das discrepâncias são de grande importância.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 245).

No entendimento de Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 76, grifo dos autores), a revisão da literatura implica:

detectar, consultar e obter a bibliografia (referências) e outros materiais úteis para os propósitos do estudo, dos quais temos de *extrair e recompilar* a informação relevante e necessária para delimitar nosso problema de pesquisa. Essa revisão deve ser *seletiva*, porque todo ano em diversas partes do mundo são publicados milhares de artigos em revistas acadêmicas, periódicos, livros e outros tipos de materiais nas diferentes áreas do conhecimento.

Ressaltamos que, nas diversas áreas de conhecimento, as fontes primárias mais usadas para construir marcos teóricos são: livros, artigos de revistas científicas e palestras apresentadas em congressos, simpósios e eventos similares. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2010, p. 80,), isso acontece “[...] porque essas fontes são as que sistematizam mais a informação, geralmente aprofundam-se mais no tema que desenvolvem e são altamente especializadas, além de conseguirmos acessá-las via internet.”

Outro elemento é a **definição dos termos**. Sobre a questão da **definição dos termos**, Lakatos e Marconi (2019, p. 245) afirmam que a “[...] ciência lida com conceitos, isto é, termos simbólicos que sintetizam as coisas e os fenômenos perceptíveis na natureza, do mundo psíquico do homem ou na sociedade, de forma direta ou indireta”. É pertinente acrescentar, conforme as autoras, que o movimento de explicitar o fato ou fenômeno investigado e ter possibilidade de comunicá-lo, sem ambiguidade, é necessário defini-lo com precisão. A esse respeito, as autoras, ainda, pontuam que:

[...] deve ser levado em consideração é que os conceitos podem ter significados diferentes, de acordo com o quadro de referência ou a ciência que os emprega. Por exemplo, cultura pode ser entendido como conhecimento literário (popular), conjunto dos aspectos materiais, espirituais e psicológicos que caracteriza um grupo (Sociologia e Antropologia) e cultivo de bactérias (Biologia). Além disso, uma mesma palavra, por exemplo, função, pode ter vários significados dentro da própria ciência que a utiliza. (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 245).

Dessa forma, emerge o entendimento que a definição dos termos elucida e sinaliza o emprego dos conceitos na pesquisa.

Outro elemento da estrutura do projeto é o **cronograma**. A elaboração do cronograma busca responder à pergunta *quando?* O cronograma permite que a pesquisa seja dividida em partes, fazendo-se o cálculo do tempo necessário para prosseguir de uma fase a outra. Nessa direção, Lakatos e Marconi (2019, p. 245) alertam para “[...] não esquecer que, se determinadas partes podem ser executadas simultaneamente, pelos vários membros da equipe, existem outras que dependem das anteriores, como é o caso da análise e interpretação, cuja realização depende da codificação e tabulação, só possíveis depois de colhidos os dados.” Para melhor compreensão do cronograma, veja o quadro a seguir:

Quadro 3 - Cronograma

ETAPAS	MESES									
	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Reformulação do projeto de pesquisa	x									
Revisão bibliográfica	x	x								
Elaboração de instrumentos de coleta de dados		x								
Coleta dos dados			x	x	x					
Análise e interpretação dos dados coletados				x	x	x	x			
Elaboração do Relatório Final						x	x	x		
Defesa Pública da Monografia									x	
Impressão da versão final da Monografia										x

Fonte: Elaboração da autora.

Outro aspecto da estrutura do projeto é o **orçamento**. Ele tem o objetivo de responder à questão *com quanto?* Na verdade, o orçamento busca distribuir os gastos por diversos itens, que devem necessariamente ser separados. Nessa perspectiva, deve-se incluir: pessoal, material, elementos consumidos e elementos permanentes. Para ter mais informações sobre os itens do orçamento, consultar Lakatos e Marconi (2019, p. 245).

Outro elemento da estrutura do projeto corresponde ao **instrumento(s) de pesquisa**. Segundo Lakatos e Marconi (2019), é necessário anexar ao projeto os instrumentos no que tange às técnicas definidas para a coleta de dados. Essa realidade começa desde os tópicos da entrevista, perpassando pelo questionário e formulário, até “[...] os testes ou escalas de medida de opiniões e atitudes, a apresentação dos instrumentos de pesquisa deve ser feita, dispensando-se tal quesito apenas no caso em que a técnica escolhida for a de observação.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 246).

Por fim, temos a **bibliografia (referências)**. A bibliografia final, usada no projeto de pesquisa, engloba, a saber: livros, artigos, publicações periódicas impressas e eletrônicas e documentos utilizados, nas diferentes fases.

4.3 Elementos de apoio na construção do texto

No âmbito da estruturação do projeto de pesquisa, podemos citar alguns elementos de apoio na construção do texto, a saber, **o fichamento e o resumo**. Segundo Lakatos e Marconi

(2017), quando o pesquisador já organizou as fontes de referência, é o momento de transcrever os dados em fichas de papel ou em arquivos eletrônicos, com o máximo de exatidão e cuidado. Para tanto, é necessário seguir alguns passos, a saber, a análise e interpretação das referências. Nessa direção, a primeira fase da análise e interpretação é “[...] a crítica do material selecionado das referências. É considerado um juízo de valor sobre determinado material científico.” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 38). Essa fase divide-se em: crítica externa e interna. Ressaltamos que para ter mais informações o fichamento e o resumo, consultar Lakatos e Marconi (2019, p. 38- 50).

Literatura Recomendada:

- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Técnicas de pesquisa. *In*: LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2018. p. 53-145.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Técnicas de pesquisa. *In*: LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO C. F.; LUCIO, M. del P. B. Coleta dos dados quantitativos. *In*: SAMPIERI, R. H.; COLLADO C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2010. p. 214-284.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO C. F.; LUCIO, M. del P. B. Coleta e análise dos dados qualitativos. *In*: SAMPIERI, R. H.; COLLADO C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2010. p. 414-485.

UNIDADE III

5.RELATÓRIOS DE PESQUISA CIENTÍFICA

Todo trabalho científico segue normas de apresentação, sejam nacionais (ABNT), sejam internacionais (Vancouver, APA). No cenário brasileiro, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é responsável por um conjunto de normas que regulam a confecção de um texto acadêmico.

Diante dessa consideração inicial, adiantamos que, nesta unidade, apresentamos aspectos sobre o relatório de pesquisa, o artigo científico, a resenha crítica e o seminário.

5.1 Relatório de pesquisa: aspectos físicos

O objetivo de um trabalho científico é retratado numa narrativa escrita na qual o pesquisador revela os achados de uma pesquisa. Essa investigação pode se materializar através de monografia nos cursos de graduação e pós-graduação (lato sensu), de dissertação no curso de mestrado (stricto sensu), de tese nos de doutorado. Evidenciamos que, em relação à estrutura física do trabalho científico, o pesquisador deve escolher o modelo estabelecido pela norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT NBR 14724:2011 – *Informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação*. Desse modo, o relatório de pesquisa deve estar devidamente estruturado com os seguintes elementos, a saber: pré-textuais, textuais e pós-textuais. Convém ressaltar, também, que na estruturação de trabalhos acadêmicos, devem-se considerar as diversas prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas, com destaque, as seguintes:

- **Estruturação de trabalhos acadêmicos:**
 - ✓ Projetos (NBR 15287:2011)
 - ✓ Monografias, Dissertações, Teses (NBR 14724:2011)
 - ✓ Artigos (NBR 6022:2018)
 - ✓ Pôsteres (NBR 15437:2006)
- **Elementos essenciais do relatório:**
 - ✓ Lombada (NBR 12225:2004)
 - ✓ Resumo (NBR 6028:2011)
 - ✓ Sumário (NBR 6027:2012)
 - ✓ Numeração Progressiva (NBR 6024:2003)
 - ✓ Ilustrações (NBR 14724:2011)

- ✓ Tabelas (NBR 14724:2011)
- ✓ Citações (NBR 10520:2002)
- ✓ Notas de Rodapé (NBR 10520:2002)
- ✓ Referências (NBR 6023:2002)

É preciso, nesse sentido, considerar que a NBR 14724 – Informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS, 2011) define que o corpo do texto deve ser digitado na cor preta, com fonte tamanho 12. Nesses termos, as fontes mais usuais são Arial ou Times New Roman. Sobre essa questão da fonte, é preciso dizer que as únicas exceções a essa regra são: as ilustrações, que podem ser de outras cores; e as citações de mais de três linhas, notas de rodapé, tabelas, fontes e legendas com fonte tamanho menor que 12. Convém salientar que, geralmente, recomenda-se fonte tamanho 10 para essas exceções.

Outro aspecto importante sobre a estrutura física do relatório são as margens. Nessa direção, as margens para o anverso, ou seja, a frente da folha, devem ser: esquerda e superior de 3 cm e direita e inferior de 2 cm. No caso do verso, as margens direita e superior são de 3 cm e a esquerda e inferior são de 2 cm. Com relação ao espaçamento, o texto deve ter 1,5 entre as linhas, com exceção às citações com mais de três linhas, notas de rodapé, referências e legendas, que devem ter espaçamento simples. Comporta esclarecer que o alinhamento do texto é justificado, bem como o recuo do início do parágrafo é de 1,25 cm. Convém dizer que todos os textos devem iniciar no anverso da folha, ou seja, na frente, bem como devem ser impressos em folha tamanho A4, branca ou reciclada. Vale ressaltar, também, que é aconselhável que as impressões sejam na frente e no verso das folhas a partir dos elementos textuais.

É pertinente acrescentar que, conforme a NBR 14724 – Informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação (ABNT, 2011a), os conceitos de monografia, dissertação e tese, são:

Trabalho de conclusão de curso de graduação, trabalho de graduação interdisciplinar, trabalho de conclusão de curso de especialização e/ou aperfeiçoamento: documento que apresenta o resultado de estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa e outros ministrados. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador.

Dissertação: documento que apresenta o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações. Deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor), visando à obtenção do título de mestre.

Tese: documento que apresenta o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado. Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor) e visa à obtenção do título de doutor, ou similar.

Para visualizar os elementos da NBR 14724 – Informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação (ABNT, 2011a), apresentamos o quadro1, conforme segue:

Quadro1- Estrutura da monografia, dissertação ou tese

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	
Capa (obrigatório)	
Lombada (opcional)	
Folha de rosto (obrigatório)	
Errata (opcional)	
Folha de aprovação (obrigatório)	
Dedicatória (opcional)	
Agradecimentos (opcional)	
Epígrafe (opcional)	
Resumo na língua vernácula (obrigatório)	
Resumo em língua estrangeira (obrigatório)	
Lista de ilustrações (opcional)	
Lista de tabelas (opcional)	
Lista de abreviaturas e siglas (opcional)	
Lista de símbolos (opcional)	
Sumário (obrigatório)	
ELEMENTOS TEXTUAIS (1)	
Introdução	
Desenvolvimento	
Conclusão	
ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS	
Referências (obrigatório)	
Glossário (opcional)	
Apêndices (opcional)	
Anexos (opcional)	
Índice (opcional)	

Fonte: ABNT NBR 14724:2011

(1) A nomenclatura dos títulos dos elementos textuais fica a critério do autor.

Assim, em relação a cada um desses elementos, temos as seguintes definições da NBR 14724:2011 – Informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação (ABNT, 2011a, p.5), a saber:

5.1.1 Elementos pré-textuais

A parte pré-textual de uma monografia, dissertação ou tese estrutura-se de vários elementos obrigatórios e opcionais. Evidenciamos que esses elementos precisam ser retratados de forma ordenada, em conformidade com as exigências da ABNT. Nesse âmbito, apresentamos:

5.1.1.1 Capa

É um elemento obrigatório de proteção externa do trabalho, sobre a qual se imprimem as informações imprescindíveis à sua identificação e deve ser apresentada conforme os itens 4.1.1 e 4.1.2 da norma ABNT NBR 14724:2011. Nela deve observar o espaçamento das margens, a saber, 3cm na borda superior esquerda e 2cm a borda inferior direita. A capa é composta pelos seguintes itens:

- a) nome da instituição (opcional);
- b) nome do autor;
- c) título: deve ser claro e preciso, identificando o seu conteúdo e possibilitando a indexação e recuperação da informação;
- d) subtítulo: se houver, deve ser precedido de dois pontos, evidenciando a sua subordinação ao título;
- e) número do volume: se houver mais de um, deve constar em cada capa a especificação do respectivo volume;
- f) local (cidade) da instituição onde deve ser apresentado;
- g) ano de depósito (da entrega).

NOTA: No caso de cidades homônimas, recomenda-se o acréscimo da sigla da unidade da federação.

Esses elementos devem ser distribuídos de forma equitativa na folha, formatados em letra maiúscula, fonte tamanho 12, sem negrito e centralizado, considerando o alinhamento horizontal, conforme segue:

FACULDADE MALTA
COORDENAÇÃO ACADÊMICA DA GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NOME DO DISCENTE/AUTOR

TÍTULO: subtítulo se houver

CIDADE da instituição onde será apresentado
ANO de publicação

5.1.1.2 Lombada

É utilizada somente no exemplar encadernado em capa dura. Ela consiste na descrição das informações, conforme a NBR 12225:2004, a saber:

- a) nome(s) do(s) autor(es), quando houver;
- b) título;
- c) elementos alfanuméricos de identificação de volume, fascículo e data, se houver;
- d) logomarca da editora.

NOTA: Recomenda-se a reserva de um espaço, se possível de 30 mm, na borda inferior da lombada, sem comprometer as informações ali contidas, para a colocação de elementos de identificação que possibilitem a localização do documento.

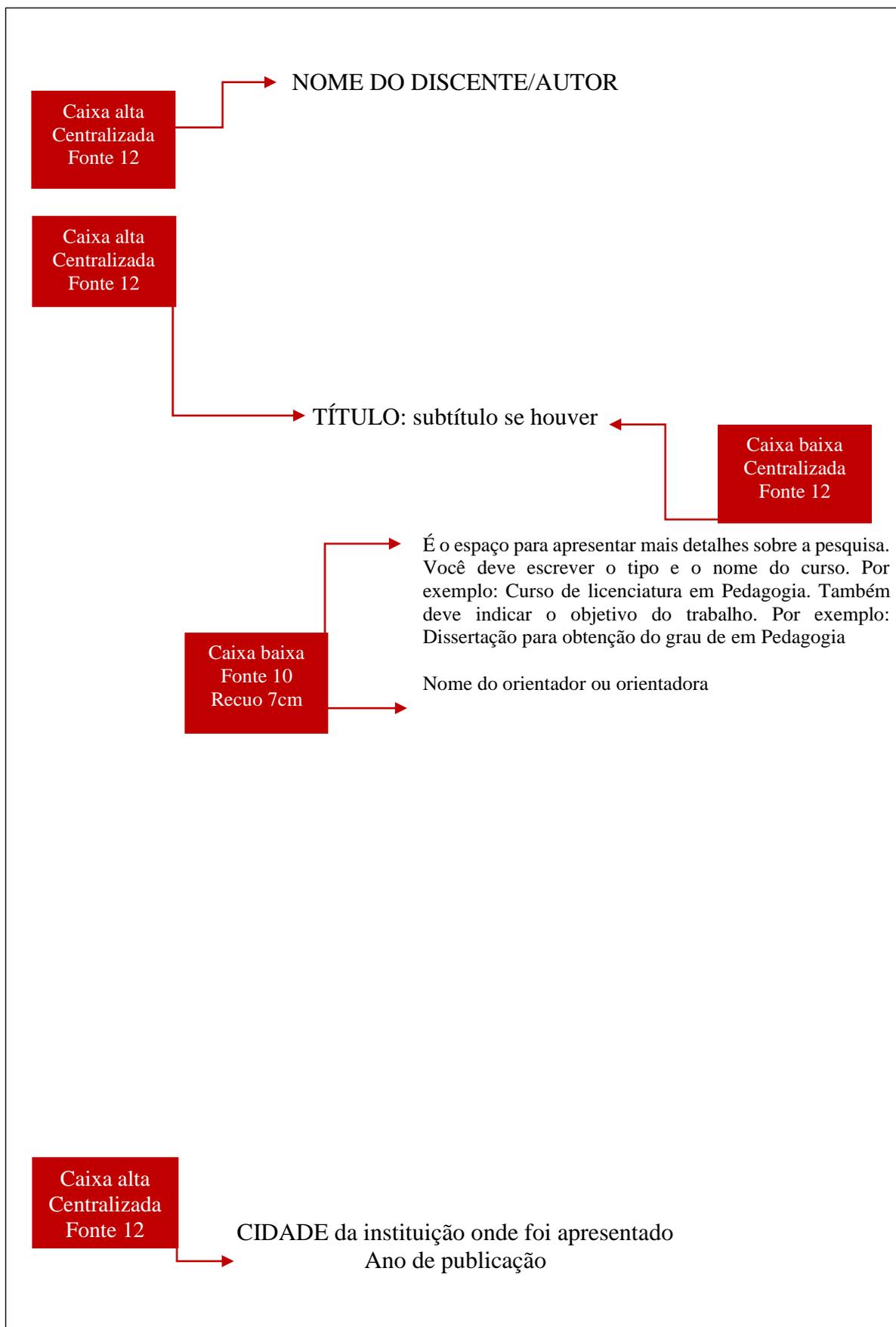
5.1.1.3 Folha de rosto

Trata-se de uma parte obrigatória do trabalho, na qual o autor descreve os mesmos elementos da capa, adicionado de uma nota explicativa com informações complementares da pesquisa. Os elementos da folha de rosto (anverso), conforme a NBR 12225:2004, devem ser apresentados na seguinte ordem:

- a) nome do autor;
- b) título;
- c) subtítulo, se houver;
- d) número do volume, se houver mais de um, deve constar em cada folha de rosto a especificação do respectivo volume;
- e) natureza: tipo do trabalho (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso e outros) e objetivo (aprovação em disciplina, grau pretendido e outros); nome da instituição a que é submetido; área de concentração;
- f) nome do orientador e, se houver, do coorientador;
- g) local (cidade) da instituição onde deve ser apresentado;
- h) ano de depósito (da entrega).

NOTA: essa parte do trabalho é contada como página, porém, não recebe indicativo numérico.

Realçamos que essa nota explicativa deve ser escrita em espaço simples, fonte tamanho 10 e com texto alinhado a partir da margem direita, com a descrição da “[...] natureza: tipo do trabalho (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso e outros) e objetivo (aprovação em disciplina, grau pretendido e outros); nome da instituição a que é submetido; área de concentração.” (ABNT NBR 14724:2011a, p. 6). Conforme a ilustração a seguir:



5.1.1.4 Verso da folha de rosto (ficha catalográfica)

A ficha catalográfica deve apresentar os dados de catalogação-na-publicação, conforme o Código Anglo-Americano (fonte 10). Ela deve localizar-se na parte inferior do verso da página de rosto. Salientamos que, para a elaboração da ficha catalográfica, o pesquisador deve solicitar os dados complementares na biblioteca da sua instituição, visto que ela se destina à catalogação no acervo e serve de fonte de pesquisa para outros pesquisadores.

5.1.1.5 Errata

Na errata, o autor elenca os erros tipográficos ou de outra natureza, com as correspondentes correções e indicação das páginas e linhas em que aparecem (fonte 12). Realçamos que “[...] trata-se de um elemento opcional [...]. Deve ser inserida logo após a folha de rosto, constituída pela referência do trabalho e pelo texto da errata. Apresentada em papel avulso ou encartado, acrescida ao trabalho depois de impresso.” (ABNT NBR 14724:2011a, p. 7). Veja o exemplo a seguir:

ERRATA

ERRATA FERRIGNO, C. R. A. Tratamento de neoplasias ósseas apendiculares com reimplantação de enxerto ósseo autólogo autoclavado associado ao plasma rico em plaquetas: estudo crítico na cirurgia de preservação de membro em cães. 2011. 128 f. Tese (Livro-Docência) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
16	10	auto-clavado	autoclavado

Fonte: ABNT NBR 14724:2011

5.1.1.6 Folha de aprovação

A folha de aprovação é elemento obrigatório. Segundo a ABNT NBR 14724, deve:

[...]ser inserida após a folha de rosto, constituída pelo nome do autor do trabalho, título do trabalho e subtítulo (se houver), natureza (tipo do trabalho, objetivo, nome da instituição a que é submetido, área de concentração) data de aprovação, nome, titulação e assinatura dos componentes da banca examinadora e instituições a que pertencem. A data de aprovação e as assinaturas dos membros componentes da banca examinadora devem ser colocadas após a aprovação do trabalho. (ABNT NBR 14724, 2011a, p. 7).

Para uma melhor compreensão, veja a ilustração a seguir:

Nome do Autor
TÍTULO DO TRABALHO, acompanhado do subtítulo (se houver)
Natureza do trabalho: nesse ponto falamos qual a natureza do trabalho (TCC), nome do curso, instituição de ensino e departamento do curso, o objetivo daquela defesa.
Data da aprovação
BANCA EXAMINADORA
Nome, titulação e assinatura Presidente (Orientadora)
Nome, titulação e assinatura Examinador(a) Interna
Nome, titulação e assinatura Examinador(a) Externa

5.1.1.7 Dedicatória

A dedicatória é um elemento não obrigatório. Nessa seção, o autor registra suas homenagens ou indica as pessoas a quem dedica seu trabalho. Ela é inserida após a folha de aprovação, normalmente colocada na parte inferior da folha, alinhada à direita ou centralizada. Realçamos que, no início da folha, o título “Dedicatória”, centralizado, em letra maiúscula, é opcional.

5.1.1.8 Agradecimentos

Trata-se de um elemento opcional. Nessa seção, o autor agradece à(s) pessoa(s) e/ou instituição(ões) que tenha(m) colaborado de forma significativa para a construção do trabalho. Ressaltamos que o texto do agradecimento deve ser escrito em fonte tamanho 12 e a folha encabeçada pela palavra AGRADECIMENTO, em letra maiúscula, em negrito, centralizada, fonte tamanho 12.

5.1.1.9 Epígrafe

A epígrafe é um elemento opcional. Esse tópico deve ser elaborado conforme a ABNT NBR 10520, inserido após os agradecimentos. Salientamos, que “[...] podem também constar epígrafes nas folhas ou páginas de abertura das seções primárias.” (ABNT NBR 14724, 2011a, p. 7).

5.1.1.10 Resumo na língua vernácula

Trata-se de um elemento obrigatório. O resumo é uma apresentação concisa dos aspectos mais relevantes de um texto, ou seja, deve apresentar-se como uma síntese objetiva e clara do conteúdo e das conclusões do trabalho. Segundo a ABNT NBR 14724:2011, deve ser elaborado conforme a NBR 6028. A propósito, conforme a NBR 6028 o resumo pode ser:

resumo crítico: Resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. Quando analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se **recensão**. **resumo indicativo:** Indica apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos etc. De modo geral, não dispensa a consulta ao original. **resumo informativo:** Informa ao leitor finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que este possa, inclusive, dispensar a consulta ao original. (ABNT NBR 6028, 2003, p. 1)

Realçamos que o resumo para trabalhos acadêmicos é o informativo. Sendo assim, deve ser apresentado da seguinte forma:

[...] deve ressaltar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do documento. A ordem e a extensão desses itens dependem do tipo de resumo (informativo ou indicativo) e do tratamento que cada item recebe no documento original. [...] deve ser composto de uma sequência de frases concisas, afirmativas e não de enumeração de tópicos. Recomenda-se o uso de parágrafo único. A primeira frase deve ser significativa, explicando o tema principal do documento. A seguir, deve-se indicar a informação sobre a categoria do tratamento (memória, estudo de caso, análise da situação etc.) Deve-se usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular. As palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão Palavras-chave: separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto. Quanto a sua extensão os resumos devem ter: a) de 150 a 500 palavras os de trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e outros) e relatórios técnico-científicos; (ABNT NBR 6028, 2003, p. 1)

É pertinente acrescentar que o título RESUMO deve vir centralizado, em letra maiúscula, fonte tamanho 12, em negrito. Além disso, após um espaçamento de 1,5 do título, deve vir o texto, com entrelinhamento simples, com fonte tamanho 12. Veja o exemplo a seguir.

RESUMO

O contexto da formação de professores, na atualidade, sinaliza que o professor é convidado a se apresentar a um percurso formativo ancorado em princípios e objetivos pensados para a construção do sucesso escolar e para a inclusão, como preceito e comprometimento social. Nessa narrativa a presente Tese está vinculada à linha de pesquisa Formação Docente e Prática Educativa, tem como objeto de investigação os aspectos teóricos e práticos que orientam a atuação de formadores de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, define como objetivo geral analisar aspectos teóricos e práticos que orientam a atuação de formadores de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Alicerçado neste objetivo, desenvolve-se a partir das seguintes questões norteadoras: Quais concepções de formação continuada orientam as práticas desenvolvidas por formadores de professores? Que práticas de formação continuada são desenvolvidas pelos formadores com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Quais as condições de desenvolvimentos da atuação de formadores na formação continuada de professores? Quais necessidades formativas de professores são consideradas pelos formadores de professores para desenvolvimento das ações de formação continuada? Empreende um diálogo teórico com Nóvoa (1995), Garcia (2009), Brito (2006), Josso (2004), entre outros. Utiliza a Narrativa Autobiográfica como princípio metodológico, que oportuniza extrair aspectos objetivos das experiências narradas que desvelam elementos sobre as dimensões teóricas e práticas que orientam a atuação de formadores de professores. Estabelece como instrumento e técnica de produção de dados, respectivamente, o memorial e a entrevista semiestruturada. Tem como interlocutoras quatro formadoras de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Desenvolve a análise de dados a partir do método de análise de conteúdo das narrativas, proposta por Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999). Aponta nos resultados da pesquisa que a formação continuada se respalda na racionalidade técnica, ou seja, adere à práxis imitativa. A proposição da tese se confirma com o desenvolvimento do estudo, a saber, a inserção de formadores de professores em contexto de formação continuada, em que a teoria e a prática não sejam consideradas elementos indissociáveis, não possibilita uma reflexão-crítica transformadora sobre sua ação, seu trabalho e sobre circunstâncias sociais e históricas de sua prática.

Palavras-chave: Necessidades formativas. Narrativa. Formadores de professores.

5.1.1.11 Resumo em língua estrangeira

A estrutura do resumo em língua estrangeira é a mesma do resumo na língua vernácula, e é obrigatória. Realçamos que o idioma mais utilizado é o Inglês, no entanto, podem ser outros, de acordo com a finalidade da pesquisa.

5.1.1.12 Lista de ilustrações

Trata-se de um elemento opcional. Conforme a ABNT NBR 14724:2011, deve ser elaborada de acordo com a:

ordem apresentada no texto, com cada item designado por seu nome específico, travessão, título e respectivo número da folha ou página. Quando necessário, recomenda-se a elaboração de lista própria para cada tipo de ilustração (desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e outras). (ABNT NBR 14724, 2011a, p. 8).

5.1.1.13 Lista de tabelas

A lista de tabelas é um elemento opcional. Ela deve ser estruturada conforme a ordem apresentada no texto, com cada item designado por seu nome específico, acompanhado do respectivo número da folha ou página, diz a ABNT NBR 14724:2011.

5.1.1.14 Lista de abreviaturas e siglas

Trata-se de um elemento opcional. Segundo a ABNT NBR 14724 (2011a, p. 8), “[...] consiste na relação alfabética das abreviaturas e siglas utilizadas no texto, seguidas das palavras ou expressões correspondentes grafadas por extenso. Recomenda-se a elaboração de lista própria para cada tipo.”

5.1.1.15 Lista de símbolos

A lista de símbolos é um elemento opcional. Conforme a ABNT NBR 14724 (2011a, p. 8), deve ser “[...] elaborada de acordo com a ordem apresentada no texto, com o devido significado.”

5.1.1.16 Sumário

O sumário é um elemento obrigatório na elaboração de um trabalho acadêmico. Segundo a ABNT NBR 14724:2011, deve ser elaborado conforme a ABNT NBR 6027. Sendo assim, deve ser apresentado em trabalho acadêmico da seguinte forma:

Localização: [...] deve ser o último elemento pré-textual; deve iniciar no averso de uma folha, concluído no verso, se necessário; quando houver mais de um volume, deve ser incluído o sumário de toda a obra em todos os volumes, de forma que se tenha conhecimento do conteúdo, independente do volume consultado. **Estrutura:** Os indicativos das seções que compõem o sumário, se houver, devem ser alinhados à esquerda, conforme a ABNT NBR 6024. Os títulos e os subtítulos, se houver, sucedem os indicativos das seções. Recomenda-se que sejam alinhados pela margem do título do indicativo mais extenso, inclusive os elementos pós-textuais. **Regras gerais:** [...]. A palavra sumário, independentemente do idioma, deve ser centralizada e com o mesmo tipo de fonte utilizada para as seções primárias. Recomenda-se que a subordinação dos itens do sumário seja destacada com a mesma apresentação tipográfica utilizada nas seções do documento. Os elementos pré-textuais não podem estar no sumário. (ABNT NBR 6027, 2012a, p.3).

A propósito, Santos e Parra Filho (2012, p. 204) diz que a função do sumário é mostrar de maneira “[...] detalhada o conteúdo do assunto desenvolvido e tem como objetivo maior facilitar o trabalho do leitor, principalmente de pesquisadores que, na execução da leitura

preliminar, terão facilidade na identificação dos assuntos do seu interesse.” Nesse sentido, o ponto relevante é a elaboração dos capítulos com “[...] conteúdo que permita dar uma resposta consistente ao problema, que é a proposta da pesquisa”, acrescentam Santos e Parra Filho (2012, p. 205).

5.1.2 Elementos textuais

Os elementos textuais compreendem a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Conforme a ABNT NBR 6024:2012, as regras gerais para a apresentação dos títulos dos elementos textuais devem ser conforme as alíneas a seguir:

a) devem ser utilizados algarismos arábicos na numeração; **b)** deve-se limitar a numeração progressiva até a seção quinária; **c)** o título das seções (primárias, secundárias, terciárias, quaternárias e quinárias) deve ser colocado após o indicativo de seção, alinhado à margem esquerda, separado por um espaço. O texto deve iniciar em outra linha; **d)** ponto, hífen, travessão, parênteses ou qualquer sinal não podem ser utilizados entre o indicativo da seção e seu título; **e)** todas as seções devem conter um texto relacionado a elas; **f)** o indicativo das seções primárias deve ser grafado em números inteiros a partir de 1; **g)** o indicativo de uma seção secundária é constituído pelo número da seção primária a que pertence, seguido do número que lhe for atribuído na sequência do assunto e separado por ponto. Repete-se o mesmo processo em relação às demais seções; (ABNT NBR 6024, 2012b, p. 3).

Ressaltamos que as seções primárias (título 1) devem ser redigidas em letras maiúsculas, em negrito, sem parágrafo, bem como não se utiliza pontuação entre a seção primária e seu respectivo título. Já as seções secundárias (título 2) devem ser redigidas com letras maiúsculas, sem negrito, fonte tamanho 12. No que tange ao terceiro nível, deve ser redigido com a primeira letra em maiúscula, fonte tamanho 12. A partir do quarto nível, os títulos devem ser redigidos com a primeira letra em maiúscula, e as demais, minúsculas.

5.1.2.1 Introdução

A introdução é a parte inicial do texto e visa apresentar a ideia da pesquisa ao leitor. No entendimento de Santos e Parra Filho (2012, p.206, grifo nosso), a introdução deverá ter como objetivo fundamental responder a três questões, a saber:

Por quê? O pesquisador deve apresentar de forma sucinta, mas completa, os objetivos já definidos no seu projeto, ou seja, ressaltando todos os aspectos relevantes do trabalho. Trata-se, na verdade, de justificar o porquê da pesquisa, apresentar o estágio atual do assunto, mostrar sua contribuição para o avanço desse conhecimento. Deverão ser ressaltadas as limitações do trabalho em função de obstáculos que não puderam ser superados. **Como fazer?** Deve ser apresentada de forma bem clara a metodologia desenvolvida na pesquisa. O pesquisador deve ressaltar fontes

bibliográficas e o uso de pesquisa de campo e de laboratório, deixando bem clara a qualidade dos recursos envolvidos no trabalho. Deve ressaltar ainda a natureza dos dados, quanto ao seu grau de certeza e quanto à atualização ou não das informações utilizadas. A introdução deve apresentar, de forma sucinta, o conteúdo do trabalho na sequência do sumário, com destaque para os aspectos mais relevantes. Não deve apresentar opiniões conclusivas, assuntos não abordados e dados não trabalhados para não criar uma falsa expectativa no provável leitor. *Para quem?* O autor deve deixar bem claro, em função do seu conteúdo, a quem se destina o trabalho, considerar a área do conhecimento humano a que se refere e o nível de conhecimento dos eventuais interessados no desenvolvimento posterior do assunto, pois, para cada área do conhecimento, existe linguagem específica, assim como existem níveis de interpretação diferentes.

Salientamos que a ABNT NBR 15287 (2011b, p. 5) normatiza que na introdução “[...] devem ser expostos o tema do projeto, o problema a ser abordado, a(s) hipótese(s), quando couber(em), bem como o(s) objetivo(s) a ser(em) atingido(s) e a(s) justificativa(s).” A propósito, ressaltamos que a introdução, no que diz respeito à redação, é a última parte do trabalho a ser escrita, ainda que seja a primeira parte da pesquisa.

5.1.2.2 Desenvolvimento – (A nomenclatura dos títulos do desenvolvimento fica a critério do autor)

Nesta parte, o roteiro do trabalho a ser seguido pelo pesquisador é definido a partir da provável, ou prováveis respostas ao problema, objeto da pesquisa. Para Matias-Pereira (2019, p.), o pesquisador deve ter como propósito, revelar mediante a “[...] compilação crítica e retrospectiva de várias publicações o nível de desenvolvimento do tema da pesquisa e/ou permitir estabelecer um referencial teórico para dar apoio ao desenvolvimento do trabalho.”

Na verdade, o importante é que o conteúdo apresentado nos vários capítulos, partes, seções, subseções possibilite “[...] dar uma resposta consistente ao problema proposto inicialmente, quando da realização e aprovação do projeto de pesquisa.” (SANTOS; PARRA FILHO, 2012, p.207). Os autores, ainda, acrescentam que, como diz respeito a um trabalho científico, em outras palavras, um trabalho que busca contribuir para o avanço do conhecimento, “[...] é importante que o conteúdo dessa parte esteja calcado em trabalhos de autores reconhecidos no meio científico e que signifique um maior grau de confiabilidade para a conclusão.” (SANTOS; PARRA FILHO, 2012, p.207).

Realçamos que a estrutura da exposição do conteúdo apresentado nos diversos capítulos ou seções/subseções exige um movimento de início, meio e fim. Por fim, evidenciamos que o conjunto do desenvolvimento da pesquisa corresponde a fundamentação teórica, a metodologia e os resultados (análise e discussão dos dados).

5.1.2.3 Conclusão – (A nomenclatura do título da conclusão fica a critério do autor)

A conclusão de um trabalho científico é o momento de dar a resposta ao problema que deu origem à pesquisa. Nesse sentido, Matias-Pereira (2019, p.117) diz que na conclusão “[...] o pesquisador apresenta a síntese interpretativa dos principais argumentos usados, onde será mostrado se os objetivos foram atingidos e se a(s) hipótese(s) foi(foram) confirmada(s) ou rejeitada(s).”

Para Santos e Parra Filho (2012), nesse momento o pesquisador deverá usar como fundamentação o conteúdo de tudo aquilo que foi abordado nos diversos capítulos. Na verdade, “[...] é importante que esses argumentos sejam apresentados em toda a sua plenitude e consistência, pois de nada adiantam argumentos apresentados de forma insuficiente e que acabam por invalidar um trabalho muito bem desenvolvido.” (SANTOS; PARRA FILHO, 2012, p. 208).

5.1.3 Elementos pós-textuais

A parte “pós-textuais” de uma monografia, dissertação ou tese estrutura-se de vários elementos obrigatório e opcionais. Evidenciamos que esses elementos precisam ser retratados de forma ordenada, em conformidade com as exigências da ABNT. Nesse âmbito, apresentamos:

5.1.3.1 Referências

Trata-se de um elemento obrigatório. Segundo a ABNT NBR 14724:2011, deve ser elaborado conforme a ABNT NBR 6023. Sendo assim, nos trabalhos acadêmicos, a referência pode aparecer: a) no rodapé; b) no fim de textos, partes ou seções; c) em lista de referências; d) antecedendo resumos, resenhas, resenhas, resenhas, conforme a ABNT NBR 6028, e erratas. (ABNT NBR 6023, 2018a).

Ainda, de acordo com a ABNT NBR 6023 (2018a, p. 5), as referências devem ser elaboradas:

em espaço simples, alinhadas à margem esquerda do texto e separadas entre si por uma linha em branco de espaço simples. Quando aparecerem em notas de rodapé, devem ser alinhadas à margem esquerda do texto e, a partir da segunda linha da mesma referência, abaixo da primeira letra da primeira palavra, de forma a destacar o expoente e sem espaço entre elas. Ao optar pelo uso de elementos complementares, estes devem ser incluídos em todas as referências do mesmo tipo de documento.

Salientamos que uma das finalidades das referências é apresentar a origem das ideias discutidas no percurso da pesquisa. Nesses termos, é necessário apresentá-las de forma padronizada e na sequência recomendada pela ABNT NBR 6023. A propósito, conforme a ABNT NBR 6023: 2018, as referências têm elementos essenciais e elementos complementares. Veja alguns exemplos de referências usadas mais comumente nas monografias.

Nesse sentido, ABNT NBR 6023 normatiza a **Monografia no todo**. Segundo a norma, a monografia no todo, comporta “[...] livro e/ou folheto (manual, guia, catálogo, enciclopédia, dicionário, entre outros) e trabalho acadêmico (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso, entre outros).” (ABNT NBR 6023a, 2018, p. 6). Sendo assim, “[...] os elementos essenciais para livro e/ou folheto, são: autor, título, subtítulo (se houver), edição (se houver), local, editora e data de publicação. Quando necessário, acrescentam-se elementos complementares à referência para melhor identificar o documento.” (ABNT NBR 6023, 2018a, p. 6). Veja os exemplos a seguir, segundo a referida norma.

EXEMPLO

Elementos essenciais: São as informações indispensáveis à identificação do documento. Os elementos essenciais estão estritamente vinculados ao suporte documental e variam, portanto, conforme o tipo.

LUCK, Heloisa. **Liderança em gestão escolar**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

Elementos complementares: São as informações que, acrescentadas aos elementos essenciais, permitem melhor caracterizar os documentos.

LUCK, Heloisa. **Liderança em gestão escolar**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 165 p., 18 cm. (Cadernos de gestão, v. 4). Bibliografia: p. 149-155. ISBN 978-85-3263-62-01.

Segundo a ABNT NBR 6023: 2018, os elementos essenciais para o trabalho acadêmico são:

autor, título, subtítulo (se houver), ano de depósito, tipo do trabalho (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso e outros), grau (especialização, doutorado, entre outros) e curso entre parênteses, vinculação acadêmica, local e data de apresentação ou defesa. Quando necessário, acrescentam-se elementos complementares à referência para melhor identificar o documento. (ABNT NBR 6023, 2018a, p. 4).

Veja os exemplos a seguir, conforme a ABNT NBR 6023: 2018:

EXEMPLO

Elementos essenciais

RODRIGUES, Ana Lúcia Aquilas. **Impacto de um programa de exercícios no local de trabalho sobre o nível de atividade física e o estágio de prontidão para a mudança de comportamento**. 2009. Dissertação (Mestrado em Fisiopatologia Experimental) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Elementos complementares

RODRIGUES, Ana Lúcia Aquilas. **Impacto de um programa de exercícios no local de trabalho sobre o nível de atividade física e o estágio de prontidão para a mudança de comportamento**. Orientador: Mario Ferreira Junior. 2009. 82 f. Dissertação (Mestrado em Fisiopatologia Experimental) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Conforme ABNT NBR 6023: 2018, *parte de monografia*:

Inclui seção, capítulo, volume, fragmento e outras partes de uma obra, com autor e/ou título próprios. Os elementos essenciais são: autor e título da parte, seguidos da expressão In: ou Separata de:, e da referência completa da monografia no todo. No final da referência, deve-se informar a descrição física da parte. Quando necessário, acrescentam-se elementos complementares à referência para melhor identificar o documento. (ABNT NBR 6023, 2018a, p. 8).

Veja os exemplos a seguir, de acordo com a ABNT NBR 6023:2018.

EXEMPLO 1

Elementos essenciais

SANTOS, F. R. A colonização da terra do Tucujús. In: SANTOS, F. R. **História do Amapá, 1º grau**. 2. ed. Macapá: Valcan, 1994. p. 15-24.

EXEMPLO 2

Elementos essenciais

RODRIGUES, Ana Lúcia Aquilas. Aspectos éticos. In: RODRIGUES, Ana Lúcia Aquilas. **Impacto de um programa de exercícios no local de trabalho sobre o nível de atividade física e o estágio de prontidão para a mudança de comportamento**. 2009. Dissertação (Mestrado em Fisiopatologia Experimental) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. f. 19-20.

EXEMPLO 3

Elementos essenciais

ROMANO, Giovanni. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (org.). **História dos jovens 2: a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16.

Elementos complementares

ROMANO, Giovanni. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (org.). **História dos jovens 2: a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16. ISBN 85-7164-555-8.

De acordo com a ABNT NBR 6023:2018, **artigo, seção e/ou matéria de publicação periódica** inclui partes de publicação periódica, artigo, comunicação, editorial, entrevista, recensão, reportagem, resenha e outros. Nesse sentido, diz que:

Os elementos essenciais são: autor, título do artigo ou da matéria, subtítulo (se houver), título do periódico, subtítulo (se houver), local de publicação, numeração do ano e/ou volume, número e/ou edição, tomo (se houver), páginas inicial e final, e data ou período de publicação. Quando necessário, acrescentam-se elementos complementares à referência para melhor identificar o documento. (ABNT NBR 6023, 2018a, p. 13).

Veja os exemplos a seguir, conforme a ABNT NBR 6023: 2018.

EXEMPLO

Elementos essenciais

DE LUCCA, Gabriella. Notas curtas. **Getúlio**, São Paulo, ano 3, p. 9, jul./ago. 2009.

EXEMPLO 2

Elementos essenciais

DOREA, R. D.; COSTA, J. N.; BATITA, J. M.; FERREIRA, M. M.; MENEZES, R. V.; SOUZA, T. S. Reticulo peritonite traumática associada à esplenite e hepatite em bovino: relato de caso. *Veterinária e Zootecnia*, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 199-202, 2011. Supl. 3.

Elementos essenciais

TAVARES, Raul. O combate naval do Monte Santiago. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 155, t. 101, p. 168-203, 1953.

Salientamos que elencamos somente alguns exemplos recomendados pela ABNT NBR 6023: 2018 no que tange às referências. Portanto, para ver mais exemplos, consultar a ABNT NBR 6023: 2018, p. 6-55.

5.1.3.2 Glossário

O glossário é um elemento opcional. Conforme a ABNT NBR 14724:2011, deve ser elaborado em ordem alfabética.

5.1.3.3 Apêndice

Trata-se de elemento opcional. De acordo com a ABNT NBR 14724 (2011a, p. 9), deve ser “[...] precedido da palavra APÊNDICE, identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelo respectivo título. Utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos apêndices, quando esgotadas as letras do alfabeto.” Ele deve ser incluído na parte final do trabalho.

Evidenciamos que o apêndice consiste em um texto ou documento elaborado pelo próprio autor. Nesses termos, se o pesquisador elaborou questionários, formulários, roteiro de entrevista, deve acrescentá-los como apêndice. Exemplo: APÊNDICE-A Memorial de Formação Continuada.

5.1.3.4 Anexos

Trata-se de elemento opcional. Segundo a ABNT NBR 14724 (2011a, p. 9), deve ser “[...] precedido da palavra ANEXO, identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelo respectivo título. Utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos anexos, quando esgotadas as letras do alfabeto.”

Ressaltamos que o anexo consiste em um texto ou documento que não foi elaborado pelo pesquisador, que serve de fundamentação, comprovação e ilustração. A propósito, é importante que seja feita a referência dos apêndices e anexos no desenvolvimento do texto ou

em nota de rodapé. Exemplo: ANEXO-A Pauta de oficina do Centro de Formação de Professores Prof. Odilon Nunes.

5.1.3.5 Índice

O índice é um elemento opcional. Conforme Matias-Pereira (2019, p.121), a finalidade do índice é “[...] permitir que o leitor encontre os temas que procura no texto. Trata-se de uma relação de palavras ou frases, devidamente acompanhada do número da respectiva página, na qual os assuntos podem ser facilmente localizados.” Salientamos que, segundo a ABNT NBR 14724:2011, o índice deve ser elaborado conforme a ABNT NBR 6034.

5.1.4 Regras gerais da apresentação de trabalhos acadêmicos – ABNT NBR 14724:2011 – Informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação

Segundo o modelo estabelecido pela norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT NBR 14724:2011, a apresentação dos trabalhos acadêmicos deve ser elaborada:

-Formato

Conforme a ABNT NBR 14724 (2011a, p. 9), “[...] os textos devem ser digitados ou datilografados em cor preta, podendo utilizar outras cores somente para as ilustrações. Se impresso, utilizar papel branco ou reciclado, no formato A4 (21 cm × 29,7 cm).” A propósito:

Os elementos pré-textuais devem iniciar no anverso da folha, com exceção dos dados internacionais de catalogação-na-publicação que devem vir no verso da folha de rosto. Recomenda-se que os elementos textuais e pós-textuais sejam digitados ou datilografados no anverso e verso das folhas. As margens devem ser: para o anverso, esquerda e superior de 3 cm e direita e inferior de 2 cm; para o verso, direita e superior de 3 cm e esquerda e inferior de 2 cm. (ABNT NBR 14724, 2011a, p. 9).

Salientamos que a ABNT NBR 14724:2011 recomenda o texto de todo o trabalho ser redigido em fonte tamanho 12, inclusive capa, excetuando se citações com mais de três linhas, notas de rodapé, paginação, dados internacionais de catalogação na-publicação, legendas e fontes das ilustrações e das tabelas, que devem ser em tamanho menor e uniforme.

-Espaçamento

Sobre o espaçamento, a ABNT NBR 14724:2011 recomenda que todo o texto deve ser digitado:

com espaçamento 1,5 entre as linhas, excetuando-se as citações de mais de três linhas, notas de rodapé, referências, legendas das ilustrações e das tabelas, natureza (tipo do trabalho, objetivo, nome da instituição a que é submetido e área de concentração), que devem ser digitados ou datilografados em espaço simples. As referências, ao final do trabalho, devem ser separadas entre si por um espaço simples em branco. (ABNT NBR 14724, 2011a, p.10).

Nessa direção, a ABNT NBR 14724 (2011a, p. 10) recomenda que “[...] na folha de rosto e na folha de aprovação, o tipo do trabalho, o objetivo, o nome da instituição e a área de concentração devem ser alinhados do meio da mancha gráfica para a margem direita.”

-Notas de rodapé

Conforme a ABNT NBR 14724 (2011a, p. 10), as notas de rodapé devem ser “[...] digitadas dentro das margens, ficando separadas do texto por um espaço simples entre as linhas e por filete de 5 cm, a partir da margem esquerda”. Nessa direção, a ABNT 14724:2011 diz que as notas do rodapé “[...] devem ser alinhadas, a partir da segunda linha da mesma nota, abaixo da primeira letra da primeira palavra, de forma a destacar o expoente, sem espaço entre elas e com fonte menor.” (ABNT NBR 14724, 2011a, p. 10).

-Indicativos de seção

Sobre os indicativos de seção, a ABNT NBR 14724:2011 recomenda:

o indicativo numérico, em algarismo arábico, de uma seção que precede seu título, alinhado à esquerda, separado por um espaço de caractere. Os títulos das seções primárias devem começar em página ímpar (anverso), na parte superior da mancha gráfica e ser separados do texto que os sucede por um espaço entre as linhas de 1,5. Da mesma forma, os títulos das subseções devem ser separados do texto que os precede e que os sucede por um espaço entre as linhas de 1,5. (ABNT NBR 14724, 2011a, p. 10).

Salientamos que “[...] os títulos que ocupem mais de uma linha devem ser, a partir da segunda linha, alinhados abaixo da primeira letra da primeira palavra do título.” (ABNT NBR 14724, 2011a, p. 10).

-Títulos sem indicativo numérico

A ABNT NBR 14724:2011 recomenda a centralização dos títulos sem indicativo numérico, a saber: errata, agradecimentos, lista de ilustrações, lista de abreviaturas e siglas, lista de símbolos, resumos, sumário, referências, glossário, apêndice(s), anexo(s) e índice(s).

-Elementos sem título e sem indicativo numérico

Segundo a ABNT NBR 14724:2011, os elementos sem título e sem indicativo numérico dizem respeito à folha de aprovação, à dedicatória e à(s) epígrafe(s).

-Paginação

Em conformidade com a ABNT NBR 14724:2011, as folhas ou páginas pré-textuais devem ser contadas, mas não numeradas. Nessa direção, a ABNT NBR 14724:2011 recomenda que todas as folhas digitadas somente no anverso, começando da folha de rosto, devem ser contadas sequencialmente, considerando somente o anverso. Igualmente, recomenda que numeração deve figurar, “[...] a partir da primeira folha da parte textual, ou seja, a partir da introdução, em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior, ficando o último algarismo a 2 cm da borda direita da folha.” (ABNT NBR 14724, 2011a, p. 10). No caso de o texto do trabalho ser “[...] digitado em anverso e verso, a numeração das páginas deve ser colocada no anverso da folha, no canto superior direito; e no verso, no canto superior esquerdo”, recomenda a ABNT NBR 14724 (2011a, p. 10).

A ABNT NBR 14724(2011a, p. 10), também, recomenda que, se o trabalho for constituído de mais de um volume, “[...] deve ser mantida uma única sequência de numeração das folhas ou páginas, do primeiro ao último volume. Havendo apêndice e anexo, as suas folhas ou páginas devem ser numeradas de maneira contínua e sua paginação deve dar seguimento à do texto principal.”

-Numeração progressiva

De acordo com a ABNT NBR 14724:2011 a numeração progressiva deve ser elaborada conforme a ABNT NBR 6024. Nesses termos, a numeração progressiva deve ser “[...] utilizada para evidenciar a sistematização do conteúdo do trabalho. Destacam-se gradativamente os títulos das seções, utilizando-se os recursos de negrito, itálico ou sublinhado e outros, no sumário e, de forma idêntica, no texto.” (ABNT NBR 14724,2011a, p. 11).

-Citações

Segundo a ABNT NBR 14724:2011, as citações devem ser apresentadas conforme a ABNT NBR 10520. A propósito, para os efeitos da ABNT NBR 10520:2002, aplicam-se as seguintes definições:

3.1 citação: Menção de uma informação extraída de outra fonte. **3.2 citação de citação:** Citação direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original. **3.3 citações direta:** Transcrição textual de parte da obra do autor consultado. **3.4 citações indireta:** Texto baseado na obra do autor consultado. **3.5 notas de referência:** Notas que indicam fontes consultadas ou remetem a outras partes da obra onde o assunto foi abordado. **3.6 notas de rodapé:** Indicações, observações ou aditamentos ao texto feitos pelo autor, tradutor ou editor, podendo também aparecer na margem esquerda ou direita da mancha gráfica. **3.7 notas explicativas:** Notas usadas para comentários, esclarecimentos ou explicações, que não possam ser incluídos no texto. (ABNT NBR 10520, 2002, p.1, grifo nosso).

Nesse sentido, recomenda que as citações, “[...] as chamadas pelo sobrenome do autor, pela instituição responsável ou título incluído na sentença devem ser em letras maiúsculas e minúsculas e, quando estiverem entre parênteses, devem ser em letras maiúsculas.” (ABNT NBR 10520, 2002, p. 1).

Essa norma recomenda, também, especificar no “texto a(s) página(s), volume(s), tomo(s) ou seção(ões) da fonte consultada, nas citações diretas. Este(s) deve(m) seguir a data, separado(s) por vírgula e precedido(s) pelo termo, que o(s) caracteriza, de forma abreviada.” opcional (ABNT NBR 10520, 2002, p. 1). Vale ressaltar que, nas [...] citações indiretas, a indicação da(s) página(s) consultada(s) é opcional.” (ABNT NBR 10520, 2002, p. 1).

Outra recomendação da ABNT NBR 10520 (2002, p. 2) é que “[...] as citações diretas, no texto, de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.”

ABNT NBR 10520 (2002, p. 2) recomenda que “[...] as citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem as aspas. No caso de documentos datilografados, deve-se observar apenas o recuo.”

Outra norma é que “[...] devem ser indicadas as supressões, interpolações, comentários, ênfase ou destaques, do seguinte modo: a) supressões: [...]; b) interpolações, acréscimos ou comentários: [...]; c) ênfase ou destaque: grifo ou negrito ou itálico.” (ABNT NBR 10520, 2002, p. 2).

A ABNT NBR 10520 (2002, p.2) recomenda que “[...] quando se tratar de dados obtidos por informação verbal (palestras, debates, comunicações etc.), indicar, entre parênteses, a expressão informação verbal, mencionando-se os dados disponíveis, em nota de rodapé.”

Outra recomendação é que “[...] na citação de trabalhos em fase de elaboração, deve ser mencionado o fato, indicando-se os dados disponíveis, em nota de rodapé.” (ABNT NBR 10520, 2002, p.3).

A ABNT NBR 10520 (2002, p.3) diz que “[...] para enfatizar trechos da citação, deve-se destacá-los indicando essa alteração com a expressão “grifo nosso” entre parênteses, após a chamada da citação, ou “grifo do autor”, caso o destaque já faça parte da obra consultada.”

Conforme a ABNT NBR 10520 (2002, p.3), “[...] quando a citação incluir texto traduzido pelo autor, deve-se incluir, após a chamada da citação, a expressão “tradução nossa”, entre parênteses.”

Outro elemento da ABNT NBR 10520:2002 é o **Sistema de chamada**. Nesses termos, a norma recomenda é que “[...] as citações devem ser indicadas no texto por um sistema de chamada: numérico ou autor-data.” (ABNT NBR 10520, 2002, p. 3). Ainda, segundo a norma, “[...] qualquer que seja o método adotado, deve ser seguido consistentemente ao longo de todo o trabalho, permitindo sua correlação na lista de referências ou em notas de rodapé. Nessa perspectiva, ABNT NBR 10520 (2002, p.3) acrescenta que “[...] quando o(s) nome(s) do(s) autor(es), instituição(ões) responsável(eis) estiver(em) incluído(s) na sentença, indica-se a data, entre parênteses, acrescida da(s) página(s), se a citação for direta.”

Outra recomendação sobre o sistema de chamada é “[...] quando houver coincidência de sobrenomes de autores, acrescentam-se as iniciais de seus prenomes; se mesmo assim existir coincidência, colocam-se os prenomes por extenso.

De acordo com ABNT NBR 10520 (2002, p.3), “[...] as citações de diversos documentos de um mesmo autor, publicados num mesmo ano, são distinguidas pelo acréscimo de letras minúsculas, em ordem alfabética, após a data e sem espaçamento, conforme a lista de referências.”

Outra recomendação é que “[...] as citações indiretas de diversos documentos da mesma autoria, publicados em anos diferentes e mencionados simultaneamente, têm as suas datas separadas por vírgula.” (ABNT NBR 10520, 2002, p.3).

Ainda, conforme a norma, “[...] as citações indiretas de diversos documentos de vários autores, mencionados simultaneamente, devem ser separadas por ponto-e-vírgula, em ordem

alfabética.” (ABNT NBR 10520, 2002, p.3). Veja os exemplos a seguir, segundo a referida norma.

Outro elemento da ABNT NBR 10520:2002 é o **Sistema numérico**. Conforme a recomendação da norma, no referido sistema, “[...] a indicação da fonte é feita por uma numeração única e consecutiva, em algarismos arábicos, remetendo à lista de referências ao final do trabalho, do capítulo ou da parte, na mesma ordem em que aparecem no texto. Não se inicia a numeração das citações a cada página.” (ABNT NBR 10520, 2002, p.4).

Ainda de acordo com a norma, não deve ser utilizado o sistema numérico quando há notas de rodapé. Além disso, ABNT NBR 10520 (2002, p.4) recomenda que “[...] a indicação da numeração pode ser feita entre parênteses, alinhada ao texto, ou situada pouco acima da linha do texto em expoente à linha do mesmo, após a pontuação que fecha a citação.” Veja os exemplos a seguir, conforme a referida ABNT.

Outro elemento da ABNT NBR 10520:2002 é **Sistema autor-data**. Segundo a recomendação da norma, no supracitado sistema, “[...] a indicação da fonte é feita: a) pelo sobrenome de cada autor ou pelo nome de cada entidade responsável até o primeiro sinal de pontuação, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso de citação direta, separados por vírgula e entre parênteses.” (ABNT NBR 10520, 2002, p.4).

Nessa direção, sobre o **sistema autor-data** a ABNT NBR 10520 (2002, p.5) recomenda que a indicação da fonte é feita: “b) pela primeira palavra do título seguida de reticências, no caso das obras sem indicação de autoria ou responsabilidade, seguida da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso de citação direta, separados por vírgula e entre parênteses.”

Outro tópico sobre o **sistema autor-data** recomendado pela ABNT NBR 10520 (2002, p.5) é que a indicação da fonte é feita: “c) se o título iniciar por artigo (definido ou indefinido), ou monossílabo, este deve ser incluído na indicação da fonte.”

De acordo com a ABNT NBR 10520, (2002, p. 5) nas notas de rodapé:

deve-se utilizar o sistema autor-data para as citações no texto e o numérico para notas explicativas. As notas de rodapé podem ser conforme 7.1 e 7.2 e devem ser alinhadas, a partir da segunda linha da mesma nota, abaixo da primeira letra da primeira palavra, de forma a destacar o expoente e sem espaço entre elas e com fonte menor.

Nesse sentido, conforme 7.1, nas notas de referência a “[...] numeração das notas de referência é feita por algarismos arábicos, devendo ter numeração única e consecutiva para cada capítulo ou parte. Não se inicia a numeração a cada página.” (ABNT NBR 10520, 2002, p. 5). De acordo com 7.1.1, “[...] a primeira citação de uma obra, em nota de rodapé, deve ter sua referência completa.” Veja o exemplo a seguir, conforme a ABNT NBR 10520:2002.

Exemplo:**No rodapé da página:**

⁸FARIA, José Eduardo (Org.). Direitos humanos, direitos sociais e justiça. São Paulo: Malheiros, 1994.

Em conformidade com 7.1.2, da ABNT NBR 10520 (2002, p.5) “[...] as subsequentes citações da mesma obra podem ser referenciadas de forma abreviada, utilizando as seguintes expressões, abreviadas quando for o caso.”

Segundo a ABNT NBR 10520 (2002, p.6), a “[...] expressão apud – citado por, conforme, segundo – pode, também, ser usada no texto.” Veja os exemplos a seguir, conforme a referida ABNT.

Salientamos que a ABNT NBR 10520 (2002, p. 6) alerta que nas “[...] expressões constantes nas alíneas a), b), c) e f) de 7.1.2 só podem ser usadas na mesma página ou folha da citação a que se referem.”

Sobre as notas explicativas, a ABNT NBR 10520 (2002, p. 6) diz que “[...] a numeração das notas explicativas é feita em algarismos arábicos, devendo ter numeração única e consecutiva para cada capítulo ou parte. Não se inicia a numeração a cada página.” Veja os exemplos a seguir, conforme a ABNT NBR 10520:2002.

Reiteramos que os elementos para a estrutura de um trabalho científico devem ser de acordo com normas estabelecidas pela ABNT (2011a).

5.1.5 Artigo Científico

Os artigos científicos referem-se a pequenos estudos, porém completos, que abordam uma questão científica. Eles retratam o resultado de investigações e “[...] distinguem-se dos diferentes tipos de trabalhos científicos pela sua reduzida dimensão e conteúdo.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 285). A publicação dos artigos é em revistas ou periódicos especializados, impressos ou eletrônicos, e formam a seção principal deles. Lakatos e Marconi (2017, p. 285) sinalizam que o artigo científico é um tipo de trabalho que “[...] proporciona não só a ampliação de conhecimentos, como também a compreensão de certas questões.” A estrutura do artigo científico corresponde à mesma estrutura orgânica recomendada para outros trabalhos científicos.

A esse respeito, as autoras dizem que a divisão do corpo do artigo pode sofrer modificações, de acordo com o texto, e ser subdividido em mais seções, a saber: a) Introdução. b) Material e método. c) Resultados. d) Discussão. e) Conclusão. A propósito, “[...] não convém que os artigos sejam muito subdivididos, para que o leitor não perca a sequência. Quando necessária, a divisão deve obedecer a uma ordem lógica, em que cada parte forme um todo e tenha um título adequado”, afirmam Lakatos e Marconi (2017, p. 286).

Outro elemento da estrutura de um artigo científico é o conteúdo. Esse conteúdo pode contemplar diversos aspectos e, normalmente, expõe temas ou enfoques novos, atuais, diferentes. Segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 287), o artigo científico pode:

- a) Versar sobre um estudo pessoal, uma descoberta, ou dar um enfoque contrário ao já conhecido.
- b) Oferecer soluções para questões controversas.
- c) Levar ao conhecimento do público intelectual ou especializado no assunto ideias novas, para sondagem de opiniões ou atualização de informes.
- d) Abordar aspectos secundários, levantados em alguma pesquisa, mas que não seriam nela utilizados.

As autoras alertam que “[...] o estabelecimento de um esquema, para expor de maneira lógica, sistemática, os diferentes itens de um assunto, evita repetições ou omissões[...].” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 287). Os tipos de artigos científicos no que diz respeito à análise do conteúdo podem ser de três tipos: argumento teórico, análise e classificatório.

As autoras, ainda, afirmam que “[...] os artigos científicos, por serem completos, permitem ao leitor, mediante a descrição da metodologia empregada, do processamento utilizado e resultados obtidos, repetir a experiência.” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 285).

Nesse sentido, é pertinente evidenciar a estrutura física do artigo científico estabelecida pela norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT NBR 6022:2018-

Informação e documentação-Artigo em publicação periódica técnica e/ou científica-Apresentação. Para visualizar os elementos estruturais de artigo da NBR 6022:2018, apresentamos o quadro 2, conforme segue:

Quadro 2- Estrutura do artigo

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

Título no idioma do documento (obrigatório)
 Título em outro idioma (opcional)
 Autor (obrigatório)
 Resumo no idioma do documento (obrigatório)
 Resumo em outro idioma (opcional)
 Datas de submissão e aprovação do artigo (obrigatório)
 Identificação e disponibilidade (opcional)

ELEMENTOS TEXTUAIS¹

Introdução (obrigatório)
 Desenvolvimento (obrigatório)
 Considerações finais (obrigatório)

ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

Referências (obrigatório)
 Glossário (opcional)
 Apêndice (opcional)
 Anexo (opcional)
 Agradecimentos (opcional)

Fonte: ABNT NBR 6022:2018.

(1) A nomenclatura dos títulos dos elementos textuais fica a critério do autor.

Assim, em relação a cada um desses elementos, consulte as definições da NBR 6022:2018-Informação e documentação-Artigo em publicação periódica técnica e/ou científica-apresentação (ABNT, 2018b, p. 4).

Leitura recomendada:

- ANDRADE, M. M. de A elaboração de seminários. In: ANDRADE, M. M. de **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. – São Paulo: Atlas, 2010. p. 97-105.
- LAKATOS, E. M. MARCONI, M. de A Projeto e relatório de pesquisa. In: LAKATOS, E. M. MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa bibliográfica/ teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017. p. 99-139.
- SANTOS, J. A. dos.; PARRA FILHO, D. Projeto de Pesquisa. In: SANTOS, J. A. dos.; PARRA FILHO, D. **Metodologia científica**. 2.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 180-192.

REFERÊNCIAS

FILHO, João Almeida Santos e Domingos P. Metodologia Científica. [Minha Biblioteca].

GIL, Antônio Carlos. Metodologia do Ensino Superior. 4. Ed. Atlas, 2018.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

DEMO, Pedro. Metodologia da investigação em educação [livro eletrônico]. 1. ed. Curitiba: Inter Saberes, 2013.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. Planejamento de Pesquisa: uma introdução. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2009.

MATTAR, João. Metodologia Científica na Era Digital. 4. Ed. Saraiva, 2018.

NASCIMENTO, Luiz Paulo do. Elaboração de Projetos de Pesquisa: monografia, dissertação, tese e estudo de caso com base em metodologia científicas. Cengage, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. Normas para Apresentação de Documentos Científicos. Coleção. 2. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2007



**Av. Barão de Gurguéia, 3333 - Vermelha
Teresina - Piauí**

 **@malta**faculdade

 **/malta**faculdade